

LUIZ MENDES DO NASCIMENTO

[english version](#)

Entrei para o Daime quando tinha 23 anos, através de minha mulher, Rizelda, com quem me casei um ano antes. Ela tomava desde os seus sete anos de idade. No início, eu só ia para acompanhá-la. Ainda não queria tomar Daime. Eu era acometido de uma doença espiritual que era beber. De uma maneira incontrollável. Mas eu tinha vontade de encontrar alguma coisa para superar e deixar aquela bebida. Depois que eu saía de um porre daqueles, ficava arrependido e pedia a Deus uma valença. Aí eu me lembrei que eu deveria tomar era Daime, para experimentar. Eu via crianças e velhos tomando Daime, autoridades também, e imaginava: "Esse pessoal todo não pode ser levado por uma coisa sem fundamento". Até que um dia eu disse:

- Sabe mulher, hoje eu vou tomar Daime.

Ela disse:

- Você é quem sabe!

Nesse dia quem estava servindo o Daime era o Mestre. Eu entrei na fila e quando chegou a minha vez eu olhei para o Mestre, e ele olhou para mim. Eu disse:

- Mestre, hoje eu vim resolvido. O senhor me dá um pouco dessa sua bebida, pois eu quero olhar de perto para contar de certo!

- Pois bem!, e encheu um copo.

Mas passou todo o trabalho e eu não vi nada. É assim mesmo. Tem pessoas que chegam pela primeira vez e alcançam, outras não. No outro trabalho, que esperei com ansiedade, eu queria era ver mesmo: tomei um copo cheio. Nada. Eu estava muito grosso. A terceira vez, do mesmo jeito. Só vim mirar na quarta vez. Eu tomei em casa e fiquei esperando com ansiedade. Quando pensei que não, armou-se na minha frente uma tela. Uma tela de ouro. Umhas mulherzinhas, bem pequenas, com suas vassouras, voavam como beija-flor. Quando elas encontravam algum cisozinho naquela tela de ouro, passavam suas vassouras. Aí eu fiquei descrente pensando que o pessoal estava iludido com aquela coisinha e resolvi não mais tomar a bebida. Mas, no próximo trabalho eu pensei: "Se eu vir alguma coisa, eu fico. Se eu não vir nada, eu paro com o Daime". De novo lá estava o Mestre servindo. Pedi para ele me dar um Daime para mirar. Aí o Mestre encheu o copo. Eu peguei um maracá e comecei a bailar. É como diz o hino do Tetéu: "Lá vem tempo e lá vem tempo". Eu percebi que não estava dando conta e procurei uma cadeira para sentar. Tentei sentar, não deu certo. Aí eu caí e fiquei bolando no chão. Tive que voltar ao ventre da mãe, como eu fui gerado. E lá se vem, e lá se vem... Vi quando nasci. E lá vem, lá vem... Vi desde quando comecei a ter consciência da vida. E lá se vêm os urros, aqui e acolá, e eu ainda queria achar que não era meu. "Não, é teu". "Não, não é meu". "É teu!" Me dava até a hora, o minuto e o lugar. "Ah, mas é mesmo! Fui eu mesmo. É eu mesmo. Me perdoe, pelo amor de Deus". E lá se vai, lá se vai... Vi quando casei, vi tudinho, aquelas coisas que são destinadas. Vi tudo que era destinado para mim. Desde o tempo de menino que me acompanhava aquele negócio todo. E lá vai, lá vai, lá vai... Aí eu vi as minhas brigas, por onde andei fazendo desavenças, andando em ponta de faca. Vi até quem era que me defendia, para ninguém me ferir nem eu ferir ninguém. Aí chegou a história da cachaça. E lá vem cachaça! E eu de lá para cá, quebrando tudo. E virava um rio de cachaça e eu morrendo afogado no meio dela. Valha-me

Nossa Senhora! Aí o pau torou. Quando eu passei aquilo tudinho, um senhor na minha frente me mostrava o caminho dizendo: "Olha! O caminho por onde você veio é esse aqui... Bagaceira, sujeira, tudo esquisito, feio... Agora, a linha direita é essa aqui. Por onde você deve seguir. "Ah! Isso sim! É esse o caminho!

Mas aquilo, na maior diplomacia, no maior conforto. E eu arriado lá no chão, tudo se passando e o pau torando, me mostrando tudinho. Por onde eu deveria seguir. Aí, resultado: mirei que cansei. Já não queria ver as coisas e tudo era bonito! Queria sair daquilo e não tinha jeito. Foi então que vi o padrinho Irineu, sentado lá fora, fumando o cigarro dele. Me levantei, não sei de que jeito, e fui bater lá onde estava o velho. Coloquei a mão no ombro dele e disse:

- Mestre, o senhor tire isso de mim, pelo amor de Deus. Eu não agüento mais!

- Mas você não pediu Daime para mirar?

- Foi. Mas tá demais. Tenha compaixão, eu não agüento mais.

- Isso passa. Se deita aí.

Aí eu me deitei no banco. Ele colocou o braço e eu deitei a cabeça. Ah! Aí ficou bom... Aquele conforto! Parecia que eu estava em cima de um colchão, não se pode nem comparar, nem igualar aquele conforto; não estava faltando mais nada. Mas, com tudo aquilo, ainda achei que não estava bom:

- Mestre, eu quero sair disso, eu não quero ficar nisso não.

- Calma, Luiz. Calma.

Aí eu me senti de novo. Quando ele falava "tenha calma", aquilo passava e eu ficava bonzinho. E dizia:

- Opa, Mestre! Agora sim eu estou bom.

Daí a pouquinho, lá vem aquele negócio de novo:

- Mestre! Lá vem de novo! Lá vem de novo, Mestre!

- Calma, rapaz.

Até que eu fiquei bom, graças a Deus! Mas consciente, certo de que tudo tinha passado. Eu posso ter esquecido de outros trabalhos, mas desse aí, nunca esqueci os detalhes, todos estão gravados na memória. O Mestre me perguntou:

- Então, Luiz, hoje foi diferente? Me diz uma coisa: isso pode ser uma verdade?

- Mestre, se existe verdade, é tanto quanto esse trabalho. É coisa muito séria, muito sublime.

- Ainda quer tomar Daime?

- Até agora; se o senhor me der.

- Hoje não. Vamos descansar. Outro dia!

Aí... Até hoje. Isso foi há 30 anos atrás. Parei de beber, depois, até de fumar. É isso, segui com o Mestre. Tomei-o para padrinho, pois tudo emanava dele, tudo passava pelas mãos dele, tudo, tudo, tudo. Nosso pai espiritual! E, nesse trabalho, o meu pensamento era: "Quando eu voltar a terra, o meu primeiro contato com ele, material, será tomar a bênção de Joelhos e chamá-lo de pai". No outro dia, bem cedinho, fui bater na casa dele. O Mestre estava sozinho, na sala, sentado no lugar de costume, no tamboretinho dele.

- Bom dia, Mestre!

- Bom dia, Luiz! Suba.

Fui me aproximando e já fui me ajoelhando, tomando a bênção e beijando a mão. Tomei a bênção como pai mesmo. Ele disse:

- Levante! Pode se levantar.

Aí eu contei o trabalho inteiro para ele, todinho.

- Você pode ficar tomando a bênção minha, tudo bem! Agora, de joelho, não! Beijar a mão, tudo bem, minha gente assim faz; agora, não me chame de papai. Grave isso no seu coração, no seu pensamento, me tenha essa consideração. Mas me chame mesmo de padrinho.

Foi quando ele me explicou a história entre padrinho e pai. Padrinho é uma palavra disfarçada, mas que quer dizer ao mesmo tempo pai. A partir daí, é meu padrinho até hoje. Papai eu chamo sem que os outros ouçam. Lá no íntimo...

A partir daí eu fiquei muito animado. Não tive mais dificuldade em bailar. Comecei a aprender os hinos. Quando eu entrei, o Mestre estava no hino 114: "Encostado a minha mãe / E meu papai lá no astral". Pois é, tudo eu passei a acreditar.

Eu não me envergonho, pelo contrário, muito me honro de dizer aqui, na presença de qualquer autoridade, na presença de qualquer público, que eu devo ao Mestre Irineu, aos seus ensinamentos, a esta casa, tudo, até a própria existência. A razão de hoje eu ainda viver, eu devo a ele. Tenho certeza absoluta que se ele não tivesse tido compaixão e não tivesse me encaminhado para encontrar uma coisa dessa, eu já teria morrido há muito tempo.

O Mestre nunca dizia uma coisa só uma vez. Pois ele previa os acontecimentos. Saber o que tinha se passado, assim como o que estava se passando não é muito difícil. Agora, saber o que vai se passar, o que será amanhã, é um pouco difícil. Mas ele tinha poderes e passava para a gente. Sabia o dia e a honra do seu falecimento. Ele sabia que iria faltar na matéria. Só quem não sabia éramos nós, por incrédulos que éramos, ou somos ainda. E ele dizia tudo às claras e nós levávamos o tempo a duvidar, achando que aquilo não aconteceria e que, se viesse a acontecer, ele mandava nós todos primeiro para depois ir por derradeiro. Ele dizia:

- Vou me ausentar, estou cansado, estou procurando um repouso. Eu olho para a Irmandade, minha gente, mas não vejo uma pessoa para entregar esse trabalho.

Aí ele mencionou dois nomes:

- Tem o José das Neves. Esse não dá. Tem o Leôncio. É tão magrinho!... Mas não disse que não dava. Justamente, a primeira pessoa a ser responsabilizada, como

dirigente, foi o Leôncio, passado ainda em vida para ele. Mas o Mestre ia ainda mais além. Ele dizia assim:

- Tenho certeza no Divino Pai Eterno que eu, fazendo uma curta viagem, fico atendendo a todos vocês da mesma forma ou melhor ainda. Qualquer coisa vocês se reúnam, se unam, tomem Daime e me chamem. Pois aí eu estarei.

Hoje acredito que ele está atendendo a nós melhor ainda, embora a gente lamente por ter perdido aquele contato materializado, aquele aperto de mão, aquele abraço, aquela palavra. Mas, por outro lado, não existe mais aquele abuso, pois era fácil, ele estava ali. A pessoa ia lá na hora que quisesse, do jeito que quisesse, até para dizer mal criação. Pois é, eu quero ver um malcriado chegar lá onde ele está. Se ajeita para poder chegar lá onde está o Mestre, pois malcriado não chega lá não!

O que existe entre nós e o Mestre hoje são as melhores impressões. Ele não falta. Estando um pouco na linha (não vou dizer perfeitamente na linha, pois desse perfeito ainda andamos atrás), eu afirmo que tudo quanto for preciso, tudo quanto for necessário. Assim como Jesus disse: "Vinde a mim todos os filhos que andam aflitos e desconsolados que eu vos aliviarei", assim é o Mestre Irineu para nós. O meu Deus é ele. Meu negócio é com o Mestre. É na alegria, é na tristeza, é na dor, é na aflição. Valha-me meu Mestre, meu pai.

Jesus disse que ele era o caminho, a verdade e a vida; assim, tem que ser com ele mesmo. Acho que não estou errado por me apegar nele. Não me esqueço dele hora nenhuma. Digo que até dormindo me lembro dele pois vou me acordando e lembrando dele.

Esse centro aqui, surgiu depois da passagem do Mestre. Como surgiram outros pontos, outras igrejas. Do padrinho Sebastião Mota, seu Virgílio, o Loredó... Sabe que eu termino concordando e achando que todos esses acontecimentos foram bem naturais, porque na própria Bíblia encontramos uma passagem que Jesus diz que Deus escreve o certo por linhas tortas. Essa é que é a verdade. Quando o padrinho Irineu faleceu, deixou a gente concentrado num grupo só, mas não poderia ficar entre quatro paredes, sem ter expansão nenhuma.

Depois que o Mestre faleceu, na gestão do Leôncio, o padrinho Sebastião Mota decidiu se separar. O padrinho Sebastião começou a sobressair e não queriam dar crédito. Aí começaram a impor condições, e o padrinho Sebastião não aderiu. Tinha mesmo que ser assim. Já havia um grupo na Colônia 5.000. Naquele tempo era um dia de viagem até aqui. Não havia meio de transporte. E ele chegava com aquele grupo certo, aquele pessoal que está com ele até hoje. Seu Bernardo, Seu Paulinho, Seu Manoel Paulo, Seu Wilson Carneiro, os Correntes... São os pioneiros. Aí ele decidiu se separar, e nós ficamos aqui.

Depois de um certo período, alguma coisa me desgostou. E eu também fui para lá e passei dois anos lá. Isso, por volta de 1975. Comigo levei muita gente, mas voltei...

Em 1980, com a morte de Leôncio, assumiu Francisco Fernando Filho, o Tetéu. Não poderia ser outra pessoa, dada a amizade existente entre ambos. Uma coisa muito bonita, tão bonita que eu classifico como a coisa mais bonita que já apreciei aqui dentro, durante todo este tempo. Tornaram-se amigos leais, eram carne com unha. O hinário do Tetéu era considerado como dele também. Eles vão tendo contato o tempo todo dentro do hinário como o presidente e o assessor.

O Tetéu passou na direção cinco meses. Impunha muita coisa, com as melhores intenções. Queria que tudo funcionasse corretamente. Começaram, principalmente

os homens, a impugnar, daqui, dali, até que terminaram impugnando o próprio Tetéu, tirando-o da direção (o mesmo grupo que está lá até hoje). O Tetéu ficou desafirmado. Como ele tinha essa posse aqui, onde hoje nos instalamos, saiu de lá. Começou debaixo de um pé de mangueira, num tapiri de palha. Isso foi em 1981. Foi quando nós viemos para cá também. Era pouca gente, mas era cada trabalho que tremia a terra. Desde então, tem rolado muita coisa aqui. Mas tem sido tudo como deve ser. Poderia ter sido de outra forma, mas não deu para ser. É Deus escrevendo pelas linhas tortas. Existia necessidade do padrinho Sebastião Mota se destacar, ficar independente, para justamente desenvolver o quanto desenvolveu e está desenvolvendo. Mas a casa antiga do Mestre continua igual. Todos respeitam as raízes, o caminho por onde o Mestre andou. Aqui foi a terra que ele pisou, onde estão os seus restos mortais. Aqui existe uma memória imortal.

O Mestre falava muito sobre sua mãe. Ela era muito devota a Deus e era muito católica: rezava todas as noites um terço com os filhos. Ela teve quatro mulheres e quatro homens, incluindo o Mestre. A infância dele teve pouco significado. Não existia lazer. A história era com o trabalho.

O Mestre, quando chegou ao Amazonas, não sabia nem ler, nem escrever. Aparentemente, ele aprendeu sozinho. Eu mesmo comprovei muitos livros lidos por ele. Ele era um amante da leitura. Recomendava que a gente lesse muito as boas leituras.

A sua primeira atividade na Amazônia foi a seringa. Trabalhou em diversos seringais. Por essa época chegou uma comissão para delimitar as fronteiras entre o Brasil, Peru e Bolívia. O Mestre me falou muito dessa comissão, um grupo de pessoas sérias, dedicadas. Ele começou a trabalhar com essa comissão, chegando a conquistar uma confiança tão grande que se tornou tesoureiro. Depois voltou ao trabalho de seringa.

Nesse período foi que ele conheceu a ayahuasca, num seringal próximo ao Peru, com um companheiro. Seu nome era Antônio Costa. Ficaram morando juntos. Antônio Costa não era seringueiro. Explorava um negócio de regatão, comprava e vendia borracha. Ele lhe deu a notícia sobre uns caboclos no Peru, que bebiam a ayahuasca. Só que lá, o pessoal que tomava essa bebida tinha um pacto satânico, para trazer fortuna e facilitar a vida de cada um. O Mestre, até então, tinha procurado sempre por Deus, mas Deus tinha dado tão pouco a ele, naquela luta danada para sobreviver. Resolveu experimentar a bebida e foi até lá...

Tomou a bebida e quando os outros começaram a trabalhar, botaram a boca no mundo, chamando o demônio. Ele também começou a chamar. Só que na proporção que ele chamava o demônio, eram cruces que iam aparecendo. Ele se sentiu sufocado de tanta cruz que apareceu. O Mestre começou a analisar: "O diabo tem medo da cruz e na medida que eu chamo por ele, aparecem as cruces. Tem coisa aí..." Ele pediu para ver uma série de coisas. Tudo que ele queria, ele pôde ver. Isso o impressionou bastante. E assim foi a primeira vez... Ele contou a história para o Antônio Costa e este disse que conhecia o material que eles preparavam a bebida.

- Bem aqui perto tem!

Antônio Costa lhe mostrou a folha e o cipó.

- Como é que faz? – perguntou o Mestre.

- A gente esbagaça o cipó, junta com a folha, cozinha e depois toma.

Aí Antônio Costa viajou. O Mestre ficou. Na ansiedade de tomar o Daime, ele resolveu preparar. Fez como Antônio Costa tinha dito. Pegou o cipó, preparou, juntou a folha, e cozinhou. Quando foi tomar, ele teve um receio. E resolveu não tomar sozinho. "Melhor esperar pelo Antônio Costa", pensou.

Quando ele chegou, o Mestre lhe ofereceu a bebida. Os dois tomaram e Antônio Costa ficou na sala e o Mestre lá dentro, no quarto. Quando começaram a mirar, Antônio Costa lhe disse:

- Tem uma senhora conversando comigo e ela me falou que foi sua companheira desde que você saiu do Maranhão. Ela te acompanhou até aqui.

O Mestre não entendeu, porque ele tinha viajado sozinho e perguntou:

- Como é o nome dela?

- Ela está dizendo que se chama Clara. Tu te prepare, pois ela mesma vem conversar contigo.

Terminando o trabalho, ele ficou ansioso para tomar outra vez e encontrar-se com ela. Na próxima vez, depois de tomar o Daime, ele armou a rede de modo que a vista dava acesso para a lua. Parece que estava cheia, ou quase cheia. Era uma noite clara, muito bonita. E quando ele começou a mirar muito, deu vontade de olhar para a lua. Quando olhou, ela veio se aproximando, até ficar bem perto dele, na altura do teto da casa. E ficou parada. Dentro da lua, uma senhora sentada numa poltrona, muito formosa e bela. Era tão visível, que definia tudo, até as sobancelhas, nos mínimos detalhes. Ela falou pra ele:

- Tu tem coragem de me chamar de Satanás?

- Ave Maria, minha senhora, de jeito nenhum!

- Você acha que alguém já viu o que você está vendo agora?

Aí ele vacilou, pensando que estava vendo o que os outros já tinham visto.

- Você está enganado. O que estás vendo ninguém nunca viu. Só tu. Agora me diz: quem você acha que eu sou?

Diante daquela luz, ele disse:

- Vós sois a Deusa Universal!

- Muito bem. Agora você vai se submeter a uma dieta. Para tu poder receber o que eu tenho para te dar.

A dieta era passar oito dias comendo macaxeira insossa e água.

O Mestre se submeteu à dieta e passou oito dias cozinhando e comendo macaxeira insossa.

Ele continuou a trabalhar na seringa. A história do Mestre, no início dos seus trabalhos com o Daime, se centraliza com Antônio Costa. Eles eram tão amigos, que a Rainha, ao repassar o poderio para o Mestre, com a mesma medida passou também para Antônio Costa. Era como se o Mestre fosse governar uma metade do

mundo, e ele, a outra metade. Só que Antônio Costa viu que para ele não daria. Ele era comerciante e por isso foi impossível realizar o negócio. Por isso, ele pediu à Rainha (ele também se comunicava com ela) que o que era para ser dele, ela repassasse para o Mestre Irineu.

O Mestre tomou Daime só no primeiro dia da dieta. Quando se passaram três dias, já estava mirando continuamente. Era tanta coisa que chegou a recear. Com sua espingarda, ele dava tiros para o alto, no meio da floresta. Alguns dizem ter sido esta a origem da queima de fogos durante o trabalho. O estampido dos tiros o confortava... Foram muitas provações. Os paus criavam vida. As aparições lhe perturbavam. Ele chegou a ver uma saia de mulher, embora na colocação não houvesse mulher. Chegou a ter contato direto com os animais. Os animais se achegavam bem perto dele. Foi como Cristo no deserto e seus quarenta dias de provação. Para o Mestre já foi mais fácil, pois ele tinha a sua macaxeira. Um dia ele estava na volta de uma estrada de seringa quando o Antônio Costa em casa disse: "Eu vou já experimentar o Irineu pra ver se ele está aprendendo, vou colocar sal na macaxeira dele". Pegou na coité de sal, trouxe só ate a boca da panela, mas não colocou. Lá da mata ele viu, viu não, contaram pra ele: "Ó, o Antônio Costa pegou uma pitada de sal pra botar na panela da macaxeira. Não botou não, mas para experimentar se tu está sabendo". Aí quando ele foi chegando em casa, foi achando graça e dizendo:

- Entences ia botando sal na macaxeira, não botou, mas fez menção de colocar, heim Antônio, como é?

- Mas rapaz, como é que fez para saber? Então já sei que tu tá aprendendo.

Após cumprida a dieta, ela chegou para ele, clara como a luz do dia. Ela disse que estava pronta para atendê-lo no que ele pedisse. Pediu que ela lhe fizesse um dos melhores curadores do mundo. Ela respondeu que ele não poderia ganhar dinheiro com aquilo.

- Minha Mãe, eu não quero ganhar dinheiro.

- Muito bem! Mas você vai ter muito trabalho. Muito trabalho!

Ele pediu que ela associasse tudo que tivesse a ver com a cura, nessa bebida.

- Não é assim que tu estás pedindo? Pois já está feito. E tudo está em tuas mãos.

E entregou para ele. Mas o Mestre sabia que não era o suficiente para ele ser. Não! Ele recebeu e aí foi se fazer. Trabalhar para ir adquirindo. Se aperfeiçoando, recebendo a cada dia os poderes que é preciso ter. Nessa fase, ele falava que ficou cerca de cinco anos.

E muitas vezes ele teve dúvidas. A Rainha passou a lhe aparecer, e diante dela estava tudo certo. Mas quando ela desaparecia, vinha a dúvida. Existe um estágio espiritual que, daqui até lá nesse estágio, vai verdade misturada com mentira. Elas vão se entrelaçando. Quando ultrapassa aquele muro, só tem verdade, mas depois que o Mestre passou por todas as dúvidas é que ele começou realmente a missão.

Durante esses cinco anos, ele começou a ajuntar um grupo. Antônio Costa tomou Daime com o Mestre durante um certo período. Eles chegaram a fundar um centro: Centro de Regeneração e Fé - CRF, em Brasília. Era pouca gente, mas eles chegaram a criar uma associação. Parece que, pouco depois, andaram censurando

o Mestre Irineu, até mesmo o Antônio Costa, a respeito das contribuições. O Mestre percebeu que estavam desconfiando dele. Ele se desgostou, abandonando o centro, indo para Sena Madureira e mais tarde para Rio Branco.

Em Rio Branco, ele sentou praça na Polícia Militar. Foi aí que conheceu Germano Guilherme, que também era da polícia. Durante um certo tempo ele foi soldado, com muito destaque, até que foi promovido a cabo. Logo depois, pediu baixa...

Mais tarde, por força dos seus conhecimentos, arranjaram para ele uma colônia, na Vila Ivonete. Parece que o Mestre foi um dos primeiros moradores. E foi lá que ele começou a história. Fundou a primeira sede, em sua própria casa, onde um pequeno grupo se formou: Zé das Neves - que foi praticamente o pioneiro, Germano, Maria Damião, João Pereira e Daniel Pereira (que mais tarde fundou seu próprio centro – a chamada Barquinha), são as raízes principais.

Mas como a cidade começou a inchar, ele sentiu necessidade de se adentar mais na floresta. Na Vila Ivonete ele foi muito perseguido. Chegou a ser preso, mas não ficou atrás das grades, graças ao coronel Fontenele.

Ele passou tudo que tinha que passar. Foi o ex-governador Guiomard Santos que lhe arranjou essa colocação, que se chamava Espalhado, na época, e hoje é o Alto Santo.

O Mestre referia-se a si próprio, às vezes, como sendo uma "árvore sombreira".

Bem no início do seu trabalho com a ayahuasca a Rainha apareceu ao Mestre Irineu.

Ele, nessa época, só sabia uns chamados, assoviado e solfejado. Ela disse:

- Olha, vou te dar uns hinos, tu vai deixar esse negócio de assoviar e solfejar pra aprender a cantar.

- Ah! Faça isso não minha senhora, que eu não canto nada.

- Mas eu te ensino!, afirmou ela.

Quando foi um dia ele estava olhando para a lua e ela disse para ele:

- Agora você vai cantar.

- Mas como eu vou cantar? É muito difícil...

- Você vai aprender, eu te ensino, abra a boca.

- Mas como?...

- Abra a boca, não estou mandando?

Ele abriu a boca e disparou cantando Lua Branca, o primeiro hino, recebido na selva do Peru.

Aí ele começou a receber. Com os três primeiros hinos já dava para cantar a noite inteira, repetindo os hinos.

Quando eu ingressei na Doutrina já haviam sido extintas as formas de graduação pública. Antes se sabia pelo número de estrelas que a pessoa usava, o grau que ele desenvolvia espiritualmente. Ia do mais humilde até o mais graduado, a todos se distinguia. Hoje não se distingue mais porque o Mestre Irineu deixou tudo por igual, todos iguais.

Ele ficava satisfeito em poder tratar de uma pessoa, quando vinha desenganada pelos médicos. Até mesmo de todo Brasil chegavam pessoas para o Mestre tratar e ele logo ia dizendo: "É, os médicos o desenganaram, mas Deus não desengana ninguém". E aí cuidava de tratar o doente. Às vezes ele fazia um serviço especial e tirava a receita para a pessoa. Quando ele tirava uma receita dessa, era botar e ver o resultado.

A nossa capacidade por mais que se queira não aglutina principalmente assim no momento toda a história do Mestre – mas pelo menos um pouco daquilo de que tivemos conhecimento, que vivemos, experimentamos como testemunhas vivas ainda que somos, por termos convivido com o nosso Mestre Raimundo Irineu Serra por nove anos. E dentro daquela convivência até hoje eu só tenho uma coisa a dizer: é que realmente Raimundo Irineu Serra, mais conhecido como Mestre Irineu, não faz mal, ou São Irineu, não faz mal quem achar que ele é dessa natureza (no entanto o seu nome recebido na pia batismal consta como Raimundo Irineu Serra), trouxe o seu valor desde o seu nascimento. E aí meus irmãos exponhamos, até porque é uma coisa de que a gente gosta, conversar alguma coisa acerca do nosso Mestre.

Então, sabemos que ele veio a este mundo, viveu nessa vida que vivemos, teve também a sua trajetória terrena, aqui por este mundo, chegando a quase setenta e nove anos de idade. Setenta e oito completos, não se completaram os setenta e nove. E podemos relacionar o tempo do Mestre Irineu, o que veio a acontecer com ele, ao tempo de Jesus, quando necessariamente havia que ter um lugarzinho qualquer para que a Virgem Maria pudesse dar à luz ao Senhor Jesus. E as condições ali encontradas foram que ela pudesse dar à luz ao nosso salvador, o Senhor Jesus, num curral, assistido pelos animais irracionais. O povo chama de curral, ou estábulo, depois foi que, com o acontecimento, com a descoberta daquela coisa majestosa que aconteceu ali, é que veio o batizado de lapinha, de manjedoura, de presépio etc. E ali realmente se deu aquele grande mistério, mas extremadamente dentro daquela humildade. Nascido entre os pobres, entre os peregrinos, entre os mais necessitados, porque mais tarde chegou a dizer que não veio pelos sãos e sim pelos doentes, e foi assim que Jesus Cristo veio ao mundo, foi pelos mais oprimidos.

Com o Mestre Irineu não aconteceu diferente, noutra aspecto sim, mas veio também das extremidades da humildade, nasceu em família pobre, em terra pobre, num pequenino município lá do Maranhão, São Luís de Férrer, na época atrasadíssimo. Era uma zona rural muito atrasada. Consta que ele foi descendente dos escravos, seus pais foram escravos, o pai Sancho e a mãe Joana. E justamente quando uma mulher vai ganhar neném a gente costuma dizer a expressão 'deu à luz', porque na realidade é uma luz mesmo, porque Joana ali deu uma luz ao mundo na pessoa do Mestre Irineu desde o seu nascimento. Daí ele revelava um pouco da vivência dele como criança, como adolescente, chegando a sua maioridade. Ele também revelava um pouco o que ele vivia naquele lugarzinho paupérrimo, pobrezinho, todo mundo era pobre. A fonte de riqueza não dava uma estabilidade melhor, porque viveu de coco de babaçu, pegando coco de babaçu para vender, aquela ninharia, aquela coisinha ... E assim aquele povo vivia.

Mas ele dizia para nós que a mãe dele era muito devota, era uma mulher que rezava todos os dias. Podia faltar qualquer coisa, mas o seu tercinho das seis horas da tarde era de rotina. E aí ela obrigava os seus, a sua família também a aderirem à reza. E o Mestre Irineu dizia que muita gente ia puxada pela orelha, mas ia e era de joelho, tinha que se ajoelhar e corresponder. Todo o pessoal de joelho ali rezando e o Mestre Irineu também se comportava. Então era uma mulher muito religiosa, rezava muito. E ele na sua infância, vivendo em comum com até mais crianças, fazendo as suas travessuras, as suas peraltices. Ele também fazia, também fazia. Ele até contava que em determinadas peraltices dessas já tinha lá alguém chamando-o à responsabilidade. De noite ele ia padecer. Ele já dormindo, sonhando, chegava uma senhora e o levava para dentro de um pasto. Lá tinha uma ruma de arroz, como é que se chama? Arroz-agulha, tem aquela pontinha descascada, e ali ele ia rolar para lá e para cá, para lá e para cá. Devia ser muito incômodo, não é? Rolando em cima do arroz-agulha para lá e para cá. Já ele recebia esses castigos dessa natureza.

E ali ele criou-se, teve a sua infância e também chegou na sua adolescência. Na adolescência também ele viveu em comum. Até porque era tão privativo aquele lugar que não se pensava lazer nenhum, nem nada, nem coisa nenhuma, mas ali ele passou a sua juventude e se desenvolvendo fisicamente. O Mestre Irineu tinha um físico muito bonito. De a gente às vezes se prestar até em dizer: um físico avantajado. Era um homem grande, grandioso, em todos os aspectos, a começar pelo seu porte físico. Certamente com os seus dezoito anos de idade, os seus dezessete anos de idade ele já estava um homenzarrão e por isso, por ele ser um homem grande, aquela rapaziada queria tirar casquinha nele, sabe? Ele era grandão. Aí às vezes ele não levava desaforo para casa não, mas não tinha quem agüentasse o braço dele mesmo, corriam e iam para casa. Então ele teve uma adolescência dessa natureza, assim vivendo em comum. Muito amigo, muito camarada, tinha muitos colegas e vivia naquela condição. Foi quando ele começou a ansiar por viver melhor. Ter uma fontinha de renda melhor, porque o que ele ganhava ali era uma ninharia, não dava para nada. Mas antes de chegar a essa ansiedade de ter, de possuir, de ter um dinheirinho a mais, ele até marcou casamento, se enamorou de uma menina, ao ponto de ficarem bem chegadinhos, noivaram até. Mas antes que se realizasse o matrimônio ele foi se aconselhar com um tio dele. Por sinal ele tinha muita dedicação a esse tio porque era a pessoa com que ele buscava o aconselhamento. E aí ele foi ter com o tio dele e disse: "Olha tio eu noivei, eu gostaria de me casar e eu queria lhe participar. E vim ver mais ou menos o que que o senhor pensa." Disse ele: "Filho, casar é bom. Você é tão novo... Que tal você dar uma voltinha aí no mundo, não sei, umas coisinhas lá por fora... tem tanta coisa para acontecer, aí quando estiver acontecendo tu volta e casa." "Sabe que é mesmo, meu tio?"

Aí justamente foi quando estava acontecendo a repercussão da história da borracha lá no Amazonas, que era uma fonte de riqueza muito grande e lá se juntava dinheiro como se juntam folhas e paus. E ele: "Poxa vida, caiu a sopa no mel, é nessa que eu vou. Conhecer, obedecer meu tio - no aconselhamento que ele me deu, e ao mesmo tempo ganhar esse dinheirão." Daí ele se despediu e rumou destino Amazonas. Consta que na viagem ele teve um pequenino estágio ali por Belém e depois um outro estagiazinho lá por Manaus. E lá havia uma listagem dos patrões que comercializavam a borracha, vendiam a mercadoria e compravam a produção dos seringueiros. Já ele alistou-se e já houve – não era um patrocínio – já houve a facilidade dele seguir viagem, mas contanto que tinha que pagar ao patrão. Era uma viagem facilitada, mas o seringueiro quando chegava lá tinha que trabalhar para pagá-la; em consequência disso o seringueiro já chegava devendo. Já começava por aí, pelas despesas de viagem, porque chegava no seringal já devendo. Então os seringueiros, meus irmãos, foram eternos escravos. E o Mestre Irineu também provou dessa escravatura. E o patrão fazia tudo para que o

seringueiro não tivesse saldo, sempre estivesse devendo, escravizando para ele poder se manter, porque muitos seringalistas como a gente chamava enricaram, e os seringueiros que era pobres iam ficando mais pobres ainda. E o Mestre Irineu se deparou justamente com essa problemática. Logo ele ficou decepcionado e viu que toda aquela história que repercutia por todo o país, que era com aquela facilidade, ele foi encontrar muito diferente. Então aquele povo, além de enfrentar o débito, que sempre era devendo ao patrão, estava ainda exposto às feras, à malária, que chamava impaludismo, 'cezão' na época. Morreu muito nordestino molestado pela malária daqueles lados e o Mestre Irineu enfrentou isso tudo.

Aí ele contava uma história interessante, que quando ele chegou no destino, no barracão do patrão, e ia rumando para a colocação de seringa que estava destinada a ele, com três dias de viagem, me parece, muito longe, muito longe, ele já estava montado no seu cavalo já para fazer a partida, quando o patrão dele desceu, olhou para ele e disse: "Ô rapaz, você é do Maranhão?" Ele disse: "Sou sim, sou do Maranhão". "Rapaz, dizem que todo maranhense é inteligente. Você sabe ler e escrever?" Aí o Mestre Irineu diante realmente daquele elogio todo se envergonhou em dizer que não sabia ler e escrever, porque ele não sabia mesmo não. Até aí ele não sabia ler nem escrever. Aí o patrão: "Mas eu não disse que não tem maranhense burro?" Bom, ele se despediu e saiu. Quando ele chegou lá na frente refletiu no que tinha dito: "Valha-me Deus, eu assegurei para o homem que sabia ler e escrever. E se mais tarde ele me pegar numa mentira, eu não vou passar por mentiroso? Agora eu vou ter que aprender a ler e escrever, que é praticamente tornar essa mentira uma verdade." Aí ele chegou lá na colocação. O único professor assim em materialidade que ele teve foi um rapaz que apareceu por lá, disse que até perdido, estava caçando. Ele foi e perguntou ao rapaz se ele sabia ler e escrever e o rapaz: "Pouquinho, um pouquinho." Ele disse: "Mas dava para você botar meu nome aí num papel?" "Pois não." Escreveu o nome dele num papel, entregou para ele. Dali ele começou ao ponto de aprender a ler muito bem, e eu comprovei isso, aprendeu a escrever muito bem, e eu comprovei isso, aprendeu a falar muito bem, porque a gente comprovou isso. Agora as suas linguagens é que eram correspondentes. Se ele estivesse falando com um caboclo, como é característico na nossa região, os caboclos, que estão mais ligados à mata, na zona rural (nós somos caboclos), ele falava a língua acaboclada dos caboclos; mas se chegasse um catedrático, soldado, fosse o que fosse, ele correspondia perfeitamente na linguagem, à altura da necessidade do momento. Falava muito bem – nós chegamos a ouvir alguns discursos dele assim em trabalho – e sem sequer ter sentado em nenhum banco de escola alguma. Aprendeu a falar. A gente chegou até a constatar dentro das suas próprias afirmações que ele falava todos os idiomas, todos os idiomas, assim houvesse a necessidade, porque teve um episódio aí, uma passagem em que ele ameaçou: "Fala qualquer uma língua aí para mim que eu correspondo."

Ele até aí ignorava o que lhe era destinado, o que estava traçado no seu destino, aquilo por que ele havia realmente de se responsabilizar, como Mestre. Aí ele foi cortar seringa, fazer borracha, e sempre como homem muito trabalhador, responsável. Não consta no bojo de toda a sua história que ele tenha enganado alguém. Vamos supor que ele até tivesse, por força da necessidade, das circunstâncias, comprado fiado como a gente diz, mas sempre foi um homem que respeitou os seus negócios, negócios bentos, negócios bons. Mestre Irineu era formado dentro deste caráter. Pois bem, ele nas andanças por aquelas plagas terminou se encontrando com dois companheiros, também maranhenses que eram. Encontraram-se lá por dentro daquelas matas: o Antônio Costa e André Costa, dois grandes companheiros do Mestre, principalmente o Antônio Costa. Do André Costa quase não se tem notícia, a gente sabe que ele teve alguma influência ligada ao Mestre, mas o Antônio Costa se ligou muito mais. Afeiçoaram-se de uma forma tal que houve entre eles um companheirismo muito bonito. Chegaram até a morar

juntos, dividir uma barraca para os dois, um solteiro e o outro também solteiro; um negociante, que a gente chamava de regatão, o Antônio Costa, o Mestre Irineu seringueiro, cortando a seringuinha dele.

Antônio Costa, já habitando há mais tempo naqueles seringais, regateando rio acima, rio abaixo, já tinha alguma noção, algum conhecimento que pudesse informar ao Mestre no caso dessa santa bebida, hoje o Daime. Ele já conhecia um determinado centro, uma determinada comunidade peruana que já explorava com o nome de ayahuasca esta bebida, e noticiou ao Mestre. Aí o Mestre se dispôs: "E Antônio, será que eu acerto isso lá? Eu vou conhecer esse negócio aí." Antônio Costa lhe diz mais ou menos a ritualização, como funcionava aquilo. "É assim mesmo que eu quero." Porque realmente lá era distorcido o objetivo daquele povo, daquele agrupamento, com esta bebida; era ao contrário, era para fazer parte do satanismo, para, dizem, ter facilidade de adquirir dinheiro, adquirir as coisas mais facilmente. Aí o Mestre disse: "Olha mas até agora eu venho lutando agarrado por aqui com Deus e ele nunca me deu nada assim tão suficiente. Eu vou experimentar esse negócio lá, quem sabe até se eu não vou arranjar é muita coisa com isso?" Mas já a consciência dele falava mais alto afirmando que iria sim, experimentar, se fosse uma coisa boa ele traria para o Brasil, se fosse uma coisa que não servisse lá mesmo ficava. E assim, guiado pelo Antônio Costa ele chegou lá nessa comunidade. Já estavam os agrupamentos todos. Logo mais à noite começaram o trabalho e foi servido um Daime, me parece que um volume grande, na cuia. Bebeu, todo mundo bebeu. Aí começou, foram se deitar. Apagaram até as luzes, tudo no escuro, e se acomodaram cada um do seu jeito. E logo o trabalho começou. E logo já começaram a ritualização, botando a boca no mundo e chamando mesmo em voz alta que o satânico pudesse chegar até ali. O Mestre Irineu tinha um provérbio que dizia que "em terra de sapo, de cócoras com ele". "Eu vou fazer o mesmo." Só que para os outros de repente podia até estar acontecendo, de repente o satânico podia até estar atendendo, mas para ele não houve isso, porque cada vez que ele gritava por esse ser era uma cruz que vinha em busca dele. Botava a boca no mundo e... cruz, chamava e... cruz, e cruz, e por fim ele já estava era sufocado no meio de tanta cruz, ali só dava cruz. Aí foi que ele foi se tocando e disse: "Sabe de uma coisa, é que o povo diz que o satânico tem medo de cruz, e como é que cada vez que eu chamo por ele é uma cruz? Não, isso aqui estão entendendo errado, isso aqui é de outro jeito." Então justamente para ele foi de outro jeito. Ele contava as visões que viu, de repente ele se transformando e aquilo que viesse na imaginação ele estava vendo. "Quero ver aqui Maranhão." "Taí, taí o Maranhão." "Quero ver aqui a minha família." "Taí a sua família." Se comunicando, até mesmo como nós estamos aqui olhando para a cara um do outro, tão claro era aquele trabalho. "Quero ver aqui a cidade de Manaus." "Taí." "E quero ver tudo que é de ver." "Taí, taí e taí tudo, tudo, tudo." E aí passou-se aquilo tudo e vinha gente perguntando para ele se estava bom e etc. e tal e ele se despediu e agradeceu, mas já saiu bem impressionado, que era o inverso de tudo aquilo que eles achavam que podia ser.

Ele chegou em casa e noticiou ao Antônio Costa: "Olha rapaz, sabe que eu fui no trabalho e gostei? Rapaz, mas eu vou falar uma coisa para ti. Para mim foi o contrário". "Para mim também, apareceu uma senhora que se chama Clara. Mas ela disse que ela mesma vem conversar contigo." Aí já ficou ansioso para que chegasse aquele dia. Então aconteceu a aparição para ele. Ela se manifestou, ele até contava a visão que teve dela, que ela veio pousada na lua, a lua como um trono e adentrando a lua uma poltrona muito bonita, e aquela senhora sentada naquela poltrona. Olhou para ele e perguntou: "Tu acha que eu posso ser uma feiticeira?" "Não senhora," – diante daquela maravilha – "não senhora, não senhora." "Tu acha que eu posso ser uma bruxa?" – um negócio assim – "Não senhora, não senhora, não senhora." "Tu acha que eu posso ser o diabo, por exemplo?" – a expressão foi essa mesmo – "Ave Maria, minha senhora, não senhora, não senhora." "Então tu me diz, tu me diz com as suas palavras o que que eu possa ser." Aí ele só acertou

para dizer: "A senhora é uma deusa universal." "Muito bem, eu venho aqui justamente para te passar uma dieta. Eu tenho uma coisa de muito valor para te entregar, mas aí tu vai se submeter a uma dieta alimentar por oito dias comendo macaxera insossa com água." E eu defendo que foi com água, porque eu o vi contar que foi com água. Já outras fontes defendem que foi com chá, e eu não tenho esse conhecimento. Com água. Sem fumar, e ele era fumante, ele fumava o cigarrinho dele. Era macaxera insossa com água e também renunciando o cigarro. Oito dias da macaxera insossa com água. E isso desenvolvendo o cotidiano, cortando a seringa dele, cortando, colhendo. Só não fumava. Quando ele chegava na barraca aí o Antônio Costa já estava esperando. Tomava conta do leite, do látex, o leite da seringa que iria defumar, torná-lo pele de borracha. E cozinhava especificamente a macaxerinha dele para que quando ele chegasse – ele não andava carregando macaxera cozida com ele – tivesse aquela macaxerinha cozida pelo menos quentinha, ficava mais saboroso.

Primeiro dia, segundo dia, terceiro dia, ele passava com muita naturalidade, mesmo sem Daime, dentro daquelas matas, já vendo tudo que via transformado. Houve assim trajetos em que ele teve pavor, em que ele também receou. Ele contava para nós que tirava uma espingarda – é apropriado do seringueiro andar com a sua arminha de fogo – e detonava um tiro para cima: pom! E com aquele estampido do tiro ele já se refazia e continuava a jornada. Então no quarto dia ele estava na volta da estrada, lá na volta, que é muito distante – estrada de seringa para quem conhece é muito chão, é muita terra – ele estava na volta de uma estrada dessas quando disseram para ele: "O Antônio Costa quis botar sal na sua macaxera. Não botou, mas fez menção. Trouxe a pitada até a borda da panela mas não botou, mas quis botar." Aí ele deu uma risada lá sozinho: "Quá, quá, quá, quá, quá, puxa vida, até que a coisa está assim servindo, não é? Será que eu estou adivinhando?" Mas aí depois que ele caminhou assim uns passos ele refletiu: "Não, adivinhando não, se estão me dizendo, como é que é adivinhar?" Então, segundo ele, esse negócio de adivinhação é papo furado. Mas aí para comprovar, quando ele foi chegando na barraca, já foi de longe vendo o Antônio Costa que estava sentado lá e já foi bradando: "Antônio, rapaz, tu quis botar sal na minha macaxera, não foi? Não botou mas fez menção de botar." Aí o Antônio Costa teve também a risada dele: "Mas rapaz como é que tu..." "Me disseram lá na estrada." "Rapaz mas já se vê que tu está aprendendo mesmo, pois foi isso mesmo que eu fiz." Ele disse: "Mas não faça mais não, brincadeira tem hora. Nem por prosa, nem por brincadeira não faça isso mais não." Aí ele prometeu e de fato não fez mais isso.

O Mestre passou pela dieta nos oito dias justamente para ela chegar e entregar para ele o domínio desse mundo – e é bom que a gente não duvide, porque a verdade é essa – e de todo lugar. É um grande dominador. Aí foi quando ela trouxe tudo isso em forma de uma laranja e entregou para ele. Ele conversou, conferenciou com ela, ela se dispôs, perguntou a ele o que era que ele tinha mais vontade no mundo de ter, que ela estaria ali para lhe dar as possibilidades, as condições de fazer dele o que ele pedisse. Ele foi e pediu a ela que fizesse dele um dos melhores curadores do mundo. Ela disse: "Pediste bem, mas é preciso também tu saber que tu não vai ganhar dinheiro com isso, não é para ganhar dinheiro." Ele disse: "Pois, minha mãe, é justamente por isso que eu estou aceitando, porque eu não quero ganhar dinheiro com isso." Ela disse: "Então nessas condições está nas tuas mãos. Mas eu ainda vou te advertir: tu vai ter muito trabalho, são muitas as doenças, cada uma é um diagnóstico diferente, conseqüentemente é um remédio também diferente, é uma garrafada diferente, e tu vai trabalhar com muitas garrafadas diversificadas. E vai te dar um trabalhão danado. É uma casca de paulano, é uma folha de pau-sicrano... tu vai ter muito trabalho." Aí ele foi com toda sabedoria que se concentrava nele naquele momento e disse: "Minha mãe, tudo que for preciso haver, será que não dava para a senhora concentrar, que tudo houvesse dentro desta bebida?" Da ayahuasca. Do Daime o batismo veio depois.

Ela disse: "Não é isso que tu está me pedindo? Então está feito." Aí é quando chega a nossa vez diante do exposto: o Daime é tudo. No Daime se concentra a cura de tudo que é preciso haver. Ele é até purgativo. Muitas vezes a gente está achando que o intestino da gente está até regular, mas ele vai nos mostrar que não está tão regular não, ele é quem vai regularizar. De repente ele purga e naquele momento você já vai de carreira para o banheiro. É uma lavagem, uma limpeza que ele faz no seu estômago. Então o Daime é tudo. Nós é que por algumas falhas nossas, por algumas fraquezas, por incredulidade, às vezes não queremos dar tanta crença ao Daime, mas é provado que o Daime sobretudo não faz mal à ninguém. E isso é o que mais me impressionou quando eu procurei e encontrei esta casa, foi ver realmente este Daime, esta santa bebida servida para desde um recém-nascido até um maior de idade. Isso nos impressiona e faz com que a nossa crença possa até ser um pouco mais aumentada, porque a gente crê que no Daime tem tudo, tudo que é preciso. Está aí a demonstração, está aí a realidade e o atendimento do pedido do Mestre, a quem a nossa rainha, a Rainha da Floresta, concedeu. "Minha mãe, não dava para a senhora associar tudo que possa ter, tudo que é preciso haver nesta bebida, a ayahuasca?" "É isso que tu está me pedindo? Então está feito." E é realmente o Santo Daime hoje.

Pois bem, aí ele já foi recebendo as comunicações diretas dela e há algo dentro dessa história, há algo pouco informado e muitas vezes as pessoas até ficam assim perplexas: "Mas rapaz, foi assim?" Foi. Essa missão foi dada em parceria. Parece que como fruto daquele companheirismo, daquela amizade entre o Mestre e Antônio Costa, ela foi e entregou parte para o Mestre Irineu e parte para o Antônio Costa, pouca gente sabe disso. Mas eu escutei o nosso Mestre conversando assim e informando que foi dessa natureza. Então se o Mestre mandava na metade do mundo, o Antônio Costa mandava também na outra metade. E assim eles começaram a trabalhar juntos. Mas o próprio Antônio Costa foi se tocando, até pela condição profissional que ele exercia, que era o comércio. Foi ver que para ele ficava mais difícil, dada essa circunstância, dada a sua profissionalização, que é o negócio, que é comprar, que é vender, é o comerciante em si. Aí ele achou difícil, como de fato, se a gente for avaliar, há um pouco de dificuldade, porque já é característico do comerciante mesmo sempre querer ser muito esperto, e esperteza aqui dentro às vezes não pode funcionar assim muito bem. E assim como o Mestre tinha a liberdade de se comunicar diretamente com a rainha, o Antônio Costa também se comunicava com ela. E motivado por essas dificuldades pediu à própria rainha que o que era dele ela repassasse para o Mestre. E ela concedeu. Então o Mestre absorveu todo o poderio. Hoje a gente tem que se conscientizar - e até assim com grande gratidão dizer - que nós estamos falando justamente de um homem que é a razão da existência desse trabalho, a razão da existência dessa doutrina. E é bom que não se duvide, porque não é para se duvidar: é a razão da nossa própria existência, de nós ainda estarmos existindo aqui. Eu pelo menos, particularmente falando, se Deus não tivesse tido a compaixão de me chamar e me colocar dentro dessa doutrina do Daime, é como diz o caboclo: os ossos já estavam brancos e já tinha morrido. No entanto ainda estou por aqui, às vezes até fazendo raiva.

Pois bem, aí foi quando ele, absorvendo tudo, tratou de dar uma certa estrutura e formar um primeiro centro em Brasília. Isso agregando já uma turma boa de companheiros, inclusive o Antônio Costa, que era um braço forte dele, e aí fundaram o primeiro centro, até com o nome de Centro de Regeneração e Fé. Daí desenvolveram um certo tempo, mas contava o Mestre para nós que ele terminou lá se desestimulando, coisa que às vezes acontece em determinadas comunidades. Ele se desestimulando. E lá havia umas certas contribuições. Numa determinada prestação de contas ele sentiu que foi censurado, acharam que ele tinha metido a mão, tinha tirado alguma coisa que não devia, quando isso não tinha acontecido. Ele se ressentiu com isso. Que fez? Pediu uma licença à própria diretoria por tempo

indeterminado e veio para Rio Branco, realmente se instalar onde, podemos dizer assim, devia se instalar. Foi quando chegando em Rio Branco ele sentou praça. Ele foi soldado da polícia militar do ex-território do Acre e foi lá que ele encontrou Germano Guilherme, com quem fez amizade e teve uma companhia muito bonita. Ele é até tido como um dos primeiros que se agregaram ao Mestre, também como soldado que era, da mesma corporação. Lá eles terminaram se conhecendo, até como conterrâneos também que eram, e logo dali nasceu uma amizade.

O Mestre Irineu se instalou num lugar chamado Vila Ivonete, que hoje ainda existe com o mesmo nome, e começou o seu trabalho em Rio Branco. Aí foi quando foi chegando esse pessoal, como eu costumo dizer, da primeira safra, que realmente foram os que criaram, são as bases dessa própria doutrina, são colunas que também funcionam como sustentação dessa ordem, sustentação desse trabalho, sustentação dessa igreja. Germano Guilherme foi um dos primeiros, seguido por Antônio Gomes, por João Pereira, por Maria Damião, por tantos outros que eu não sei nem informar; mas teve outros, José das Neves... e daí começaram a surgir os primeiros trabalhos de Rio Branco. Ele já tinha com ele alguns hinos, uns pouquíssimos hinos já trazidos dessa trajetória. Mas ele se apegava a chamados que havia. Ele recebia muitos chamados, mas chamados assim solfeados ou assoviados, nenhum cantado. Mas já havia uns hinos, "Lua Branca", esse é o primeiro. Ele contava até como recebeu, foi num contato justamente com a lua. Mas já se cantavam esses hinos na época, dois ou três. "Não faz mal, a gente fecha e abre, fecha e abre, fecha e abre, fecha e abre." E assim se cantava a noite inteira. Então ele pediu à rainha que também concedesse aos seus companheiros esse espaço de receber hinos. Aí foi quando o Germano recebeu seu primeiro, o Antônio Gomes o seu primeiro. Aí já foi mudando, Germano tinha três, Antônio Gomes três, Maria Damião três, vamos supor assim, João Pereira três, o Mestre três ou quatro. Aí já dava um conjunto bem maior de hinos, já se cantava a noite inteira.

E ele vivendo numa época assim muito dificultosa; além das dificuldades características da região, ainda muitas perseguições policiais, gente que influía. Cada um queria tirar casca maior. Não consta que ele tenha ido para detrás de grade de cadeia, mas detido em delegacia consta que ele esteve. Mas sempre contava com alguém, com as influências dos homens, das autoridades do território, e figuram até algumas pessoas como tendo sido os protetores do Mestre aqui na terra. Na época do governo de Guiomar dos Santos, tido na nossa terra como Pai do Acre mesmo, ele só passava dificuldade enquanto o próprio Guiomar dos Santos ou Fontenelle de Castro ou Valério de Caldas Magalhães não soubessem, porque quando eles sabiam, ou eles mandavam ou iam pessoalmente e diziam: "Deixa o meu Irineu, o Irineu é meu." Essa é que era a expressão quando chegavam lá para livrá-lo da delegacia. Pois bem, Rio Branco foi tomando crescimento e hoje já consta até como um dos estados também da federação (naquele tempo era território); mas ainda como território foi tendo algum crescimento urbano. A gente até diz: a cidade só incha, só incha, só incha. E às vezes até sem nenhum planejamento. Começou a inchar e o comércio já estava ficando muito centralizado. A gente sentia dificuldade nos trabalhos até porque éramos muito perseguidos, e ele sentia a necessidade de se adentrar mais na mata. Foi quando o próprio governador Guiomar dos Santos patrocinou - enfim facilitou, com que ele pudesse se instalar na região que hoje é o Alto Santo. Era uma colocação de seringa. Lá só ia quem tinha negócio, e as dificuldades foram tremendas. Quanto ao transporte eu cheguei a conhecer, eram animais com carga. Depois já na frente foi que foram introduzidas umas carrocinhas de boi. Hoje é carro e é asfalto. Isso até faz com que a gente possa acreditar mais ainda nele, porque se ele sabia o que tinha se passado - e às vezes a gente tem uma certa facilidade de saber o que se passou e até o que está se passando - é uma coisa. Agora prever o que vai se passar é algo muito sério, prever os acontecimentos, e o Mestre Irineu já previa dizendo ele a

todos nós que ali lutávamos com aquela dificuldade: "Gente, olha, isso aqui não vai ficar assim não, isso aqui vai ser uma vila, vai ter luz elétrica, vai ter até telefone." E eu confesso uma coisa para vocês que diante do quadro a que eu assistia eu achava tão difícil que aquilo pudesse chegar... Hoje é a vila immortalizando o nome dele: Vila Raimundo Irineu Serra. Está aí a luz, está aí o telefone e está aí até o asfalto. O nome da localidade era um nome de que ele não gostou, era Espalhado. "Espalhado... É Alto Santo agora." E ainda hoje é e será, enquanto o mundo for mundo o Alto Santo está lá.

Pois bem, ali foi onde realmente ele se estabeleceu, com os trabalhos primeiro na sua residência, na residência de cada um, até reunir condições para poder fazer a primeira sede de trabalhos. Hoje já é a terceira, porque a primeira ele demoliu e fez uma outra maior, e a terceira é esta agora já na gestão da viúva e que é uma edificação muito bonita. Ali ele se instalou, e está até os dias de hoje, porque saiu mas deixou, saiu mas ficou. Daí meus irmãos é necessário, até para a gente aprender a se conformar melhor, focalizar as dificuldades por que passou também o nosso Mestre para abrir aquela localidade. Os companheiros da mesma ordem, todos humildes, todos vivendo as mesmas dificuldades. O Mestre Irineu passou até fome, até fome. Contava ele para nós que ao brocar o seu roçado sozinho, sozinho, ele levava uma mão cheia de farinha e uma pitadinha de sal. E era só isso que ele levava porque era só isso que ele tinha, por felicidade ainda, aquela farinhazinha e sal. Quando chegava a hora de trabalhar, vamos trabalhar, e quando chegava a hora de almoço – ele calculava pelo tempo que já era hora de almoço – ia para a beira de um igarapé. Lá comia aquela farinhazinha com aquela pitada de sal. Quando acabava bebia água. Então plantava os joelhos em terra e pedia a Deus que tivesse compaixão dele, que mudasse aquela situação. Aí ele recebia como resposta: "Te abraça com a terra." E ele criava alma nova, ele dizia que parecia que já tinha almoçado no melhor restaurante do mundo, que não estava faltando nada. Pegava o terçado com toda a disposição e fazia o serviço.

Então ele passou por essas dificuldades até transpô-las, porque, com toda a simplicidade que lhe era peculiar, chegou justamente num ponto em que tinha muita fartura dentro de casa. E parecia que ele se deliciava porque ele tinha prazer de ter muito para até dar a quem chegasse, que tivesse necessidade como ele teve, e sem discriminar. Não consta nunca na história que alguém tenha procurado o Mestre com algum problema de qualquer natureza e tenha saído dos pés dele num vazio. Às vezes só com uma simples palavra, às vezes só com uma simples frase ele deixava você voltar dali reformulado, sentindo que estava sendo outra pessoa. Viveu em comum o nosso Mestre. Há quem pense, até julgue: "O Mestre devia ter as coisas dele assim incomuns!" E a gente defende algumas delas até porque é uma mestria, até porque é o Mestre. Ele também tem que ter alguma coisa incomum, para na hora em que for preciso ele dizer que é mais do que qualquer um de nós. Mas justamente nessa base que se fundamenta o nosso Mestre: é que a maioria da vivência dele era em comum, vivendo como nós vivemos, lutando aqui na vida. Foi um batalhador pela sobrevivência. Tudo que o Mestre ganhou deste mundo terreno que viesse a lhe proporcionar algum conforto foi regado com o suor do seu rosto. Ele também tinha o dinheirinho dele, ele lutava também para ter o seu dinheirinho. Ele também lutava. Por isso mesmo ele fazia os seus negócios. Ele vendia animais: vendia um boi, vendia um porco etc. etc. Ele vendia os animais dele e tinha o dinheirinho dele. Também tinha, até para atender às vezes um que chegava numa necessidade e não tinha outro jeito a não ser – "Vou lá no Mestre" – e ele tinha um dinheirinho para emprestar e às vezes até lhe dar, e ele ainda dizia mais: é a mola do mundo, a história do dinheiro. E é, havemos que nos conscientizar de que a gente precisa dele, infelizmente; que ele seja o que seja, mas a gente está precisando. Que é a mola é a mola. Se você não tiver um dinheirinho para apanhar um ônibus daqui para ali você vai a pé e você não tem

outro jeito não, tem que pagar passagem. E o Mestre viveu comumente, também lutando neste particular, para ter o dinheirinho dele.

Caprichou muito, tudo dele era com capricho, como homem do campo, como lavrador, e há uma outra informação que poucas pessoas sabem na questão da profissionalização: era um carpinteiro de mão-cheia. Trabalhava também de carpintaria, não assim para ganhar dinheiro como profissional, mas as coisinhas dele, de madeira, tudo ele fazia e muito bem-feito. As suas ferramentas eram impecáveis. Também ele tinha ciúme daqueles ferros dele. Nossa, para ele emprestar um ferro daquele era sob recomendação, porque ele tinha ciúme daquelas ferramentas dele. Tudo dele era impecável, tudo dele era zelado, tudo dele era direitinho. Ele até relacionava, na questão de se fazer um serviço e sair malfeito – que a gente chama de serviço seboso ou serviço porco – que um homem que faz um serviço seboso já está dizendo quem é: porco. Só dá nisso, não é? Então ele era dessa formação.

Constituiu família, na sua vivência em comum ele sentiu a necessidade que havia de arranjar uma companheira, uma mulher para morar com ele, até para o ajudar no cotidiano. E defendia isso francamente, dizendo que um homem só se completava com uma companheira a seu lado. O homem com uma companheira a seu lado pode até dizer, e ele concorda, é um homem completado. Mas não tendo essa companheira é um homem incompleto. Por isso mesmo ele foi se acostumar e não soube mais passar sem uma companheira. Consta que ele possuiu quatro companheiras, quatro mulheres, alternadamente, uma após a outra. Não foram as quatro de uma vez não. Foi uma após a outra. Com a primeira não deu certo e eles se separaram, mas mesmo assim deixou um filho. Ele também gerou um filho, o nosso Mestre, aliás dois, mas a menina não teve a condição de sobreviver. Criou-se o menino desse primeiro matrimônio que terminou não dando certo. Ele até dizia para nós o porque de não ter dado certo aquela convivência; mas ela tinha ficado grávida. Ele mudou-se para Rio Branco e nunca mais voltou lá, não viu mais esse filho, nem nascer. Quando o viu, o filho já estava com cinquenta anos, mas disse que veio de Brasília procurar o seu pai e sua casa. E ele recebeu como filho dele, Sr. Valcírrio... Sr. Valcírrio. Falecido, não está com tanto tempo não, uns dois ou três anos que o Sr. Valcírrio faleceu. Mas por intermédio desse único filho, podemos assim caracterizar, o Mestre tem um descendência enorme, porque o Sr. Valcírrio gerou muitos filhos, muitas filhas. Hoje é filho, é neto, é bisneto, é uma descendência enorme da família do Mestre; quer dizer, conseqüentemente o nosso Mestre tem também a sua descendência aqui na terra, por intermédio de um filho seu. É enorme, é grande a descendência do nosso mestre, concentrada na família do Seu Valcírrio.

Pois bem, aí foi quando se separaram, mas aí ele ficou com aquela mesma necessidade inicial, de ter uma companheira. Aquela não deu certo, mas... Até que arranjou outra. Dessa outra ele enviuvou. Conviveram uns certos anos, por sinal ele referendava muito a respeito dessa segunda companheira dele, que era mulher de verdade, para o que desse e viesse, para o que ele precisasse. Mas ela morreu. Aí ele já ficou viúvo, e sozinho de novo. Passou algum tempo, mas ele já na luta para que chegasse a terceira – porque na realidade é uma coisinha boa e é até bom a gente se acostumar, porque mulher é uma coisa tão boa, uma companheira não há preço no mundo que pague. Daí foi que veio seu terceiro casamento, com uma convivência de muitos anos, com a D. Raimunda. Não houve geração, nem com a segunda e nem com a terceira, e finalmente nem com a quarta. Ele só gerou filho com a primeira. Aí foi quando eles tiveram uma convivência por mais de vinte anos. Mas também não deu certo, lamentavelmente. Inclusive o hinário que nós vamos cantar amanhã, de Maria Damião, espelha bem essa história, ele tem uma conotação bem de perto com os acontecimentos daquele tempo e diz respeito à separação entre o Mestre e a D. Raimunda. Passou aí um certo período, mas já

lutando para conseguir outra, até que chegou a vez da comadre Peregrina, hoje a viúva que se instala no centro original, no centro que deu partida, que é realmente ainda das igrejas lá de Rio Branco a que mais concentra irmãos, a comunidade da comadre Peregrina, que até justamente foi a última, porque foi nessa convivência inclusive com a comadre Peregrina que ele se desencarnou. E ela está aí, firme e sã, a viúva comadre Peregrina e é até motivo da gente se impressionar, até pela idade que ela tem, ainda parece tão mocinha e está bem conservada, a minha comadre. Mas dentro justamente de sua reputação íntegra de ainda ser a viúva do Mestre. É muito valor, é muito valor.

Pois bem, não foi em vão, não é de graça, e o hino realmente tem toda a sua veracidade quando diz assim, Antônio Gomes dizendo: "Desde do seu nascimento que ele trouxe o seu valor." Realmente um grande valor. Agora temos que somar que o seu valor foi dado mas porque ele conquistou. Ninguém nasce feito. Nasce sim, com aquele valor que já lhe é dedicado, com aquele valor até por merecimento, como o do Mestre foi, de doutrinador. Mas isso fica até assim entre aspas. Que ele trouxe desde o seu nascimento o seu valor está certo sim, mas fica entre aspas, porque ele foi lutar para realmente ter o valor e chegar ao ponto que chegou. Superou tudo na vida, todas aquelas dificuldades. Falando em bonança, voltando atrás, tem a questão de ser uma pessoa farta na sua casa. Eu por exemplo presenciei três, quatro 'mesadas' no almoço, e quando terminava aquela refeição a mesa ainda estava composta. Aí alguém diz: "Mas... ajudavam muito ele, tirou muita ajuda, tirou muita ajuda ele, né?" Francamente seria ingrato em dizer também que ninguém ajudava, mas eram ajudinhas muito poucas, até porque o pessoal não tinha essa condição toda. E ainda acontecia com ele o seguinte: na hora de dizer assim – vamos fazer alguma coisa – só se via gente escorregando para todo canto, tirando o corpo de banda; mas quando dizia assim – o almoço está pronto – aí espirrava gente de todas as moitas.

Pois é, realmente ele trouxe algo assim muito mais do que qualquer um de nós, já começando por ser grande, pelo seu porte físico. Era um homenzarrão bonito. Ele media quase que dois metros de altura, faltavam dois centímetros apenas. O peso dele oscilava entre 110 e 120 quilos. Mas ele não era tão alto, isto é, tudo dele era correspondente, tinha altura, mas tinha porte físico. Tudo era acentuado para o seu porte físico. Às vezes a pessoa é alta, alta, mas um gravetinho dessa grossura, e ele não, era bem proporcionado, um homem forte, um homem musculoso, um homem saudável, enfim, pretinho que só ele. Aí ele se destacava assim bem maior que qualquer um de nós. Por exemplo ele calçava número 48, o sapato dele era feito assim propositalmente, sob encomenda, porque número 48 de fábrica não se encontrava muito e era sempre pior. Então ele era um homem interessante mesmo. Aí havia até quem desdenhasse, chamando-o de homem do pé grande, mas se esquecia de dizer que só mesmo um pezão daquele tamanho tinha condição de suporte para segurar aquele corpão todo. E aí no entanto era pretinho assim, era um homem bonito, era um homem formoso, alegre, olha, era uma alegria, transparente. Ele só ficava satisfeito se onde ele estivesse a alegria pudesse reinar. E ele proporcionava a própria alegria, gostava de conversar, e recomendava que é tão bom a gente conversar, agora com a observação: conversas boas, não é conversa fútil não. Mas é tão bom a gente conversar! Aí ele até dizia porque a gente só deve conversar o que presta, porque, ninguém se engane, em lugar algum em que a gente estiver está só não, a gente está pensando que está só porque a nossa visão não está podendo alcançar outros seres de luz ali ao nosso redor. E numa conversa agradável, numa conversa sadia, numa conversa boa, aquelas entidades até chegam a tomar parte até inspirando para que se converse mais, inspirando para que tenha mais assunto porque é conversa boa. Agora se é uma conversa à toa, como dizia ele, sem fundamento, ao contrário, se elas estiverem nas proximidades elas se afastam para bem distante e você fica conversando suas

besteiras sozinho, para deixar de ser besta. Então ele gostava de conversar coisas boas. Alegre, se deliciava com a alegria de todos.

Proporcionava festas de dança. O Mestre dançou muito e a dança dele predileta justamente era o forró. Ele gostava do forró. Ele dançava bem, e bonito, e era animado numa festa. Festa dele não perder uma parte sequer, noite inteirinha. Eu já alcancei de uma noite, mas houve aí um passado em que dançavam eram três noites seguidas, como por exemplo no casamento dele com a comadre Peregrina, foram três noites de dança. Em outra visitação que ele fez a sua família no Maranhão, ao retornar foram três dias de dança. Agora, não tudo isso, mas em um dia dancei muito assim em sala em que o mestre também dançava. Era muito animado. Até adotou a bebida alcoólica um tempo, só que não deu certo. Para ele dava porque ele bebia e sabia beber, mas os seus bebiam e não sabiam beber, porque é característico do álcool: é pouco ou nenhum que sabe beber. O Mestre sabia, mas os dele não sabiam e começavam a fazer besteiras, e em consequência disso veio uma ordem da rainha e o Mestre publicou num trabalho: "De hoje em diante nem eu nem nenhum dos meus é para se ingerir mais bebida alcoólica. Por ordem da rainha está proibido isso aqui dentro e quem teimar, querer levar lá do jeito dele, eu chamo de sem-vergonha." Foi duro, não foi? Daime é que é Daime, é com Daime. Agora se quer tem as opções que se pode fazer. Se quer o Daime tem o Daime, é com o Daime mesmo, mas se quer a cachaça é ela mesma, não venha para cá com história não. Eles não se unem, não se dão, não podem seguir assim paralelamente. Ele tomou até esta liberdade, mas por que isso? Porque na proporção em que ele se alegrava, que ele procurava se alegrar, ele se alegrava mais ainda quando também presenciava os seus alegres. Aí, feita essa proibição, já se dançava tomando Daime. Forró. Tomando Daime. Rapaz, ficava uma festa... É um trabalho. É um trabalho que dá gosto a gente ver, você sair dançando com a sua mãe, tomando Daime, mirando, coisa mais linda que se pode apreciar. "Ah mas eu não sei dançar!" A orquestra ensina, o Daime ensina, que ele que bota tudo no jeito que é para ser, dançando mirando. É muito gostoso, é muito bom você dançar com sua mulher, você dançar com sua irmã, dançar enfim com todas as damas, principalmente aquelas que também tomaram Daime, que para dar certo é bom que o cavalheiro tome Daime e a dama também tome Daime. Mas é bom, é muito bom, é coisa sonhada e que estamos apenas lembrando. Daí tem uma expressão de quando ele ia tirar uma dama para dançar. É uma coisa tão rica, tão rica, a força como ele se expressava ao tirar uma dama. Porque quem conhece festa de dança, aí sabe que é obrigação única do cavalheiro tirar a dama, nunca a dama tira o cavalheiro, a não ser numa intimidade muito grande, mas o certo é que o cavalheiro é que tira a dama. Então na hora dele tirar uma dama, se levantava se estivesse sentado e falava com as damas, assim, separadas: "Uma dama de prata para dançar com um cavalheiro de ouro." Aí já aquela dama partia de lá – isso era até disputado, quem era a dama que não queria dançar com o seu Mestre? – e vamos dançar, vamos se animar.

Também uma pessoa com uma facilidade extrema de comunicação, de fazer amizade, porque era muito educado o nosso Mestre. Com a mesma atenção que ele dispensava à mais alta autoridade, era com essa mesma atenção que ele tratava o mais humilde também. O Mestre era formado assim dessa natureza. E conversava muito. Às vezes ele estava até assim um tanto fechado, mas ele só queria que alguém por ali contasse qualquer assunto, que ele tomava conta e conversava tardes inteiras. Às vezes a gente se esquecia até de que tinha casa, e quando se lembrava: "Valha-me Deus, tenho que ir para casa." Já horas tantas da noite, ouvindo o Mestre conversar. Ele conversava muito.

Quanto ao aperfeiçoamento propriamente dito dessa doutrina, este se deve única e exclusivamente a ele. Ele pegou essa bebida, como a gente já falou, lá na sua origem, tida como uma coisa grosseira, de qualquer jeito, sabe-se lá como, e tinha

até a forma como eles usavam. Aí foi quando ele prometeu que se fosse uma coisa boa ele traria para o Brasil. Trouxe e foi aperfeiçoar, até dar esta denominação: Santo Daime, ou Daime simplesmente. Foi o nosso Mestre quem batizou. O cipó, que tinha diversas denominações, ele batizou como jagube; a folha, que também recebe outras denominações, ele batizou como rainha – que coisa bela! E finalmente foi o responsável assim diretamente para que isso se aperfeiçoasse ao ponto de justamente chegar no que estamos chegando, até cheios de gratidão por realmente ele ter deixado nas nossas mãos um trabalho, uma bebida que tem respaldo nas leis dos homens, desde quando ela foi liberada. E apesar da gente ainda sofrer muita discriminação – e isso talvez não vá ter a condição de faltar nunca, essa discriminação, até pela incredulidade do mundo profano – a gente já não tem tanto subterfúgio. Eu não sei se mais gente está até procurando esconder, eu não tenho em particular o que esconder. "Você toma Daime?" "Tomo." "Mas rapaz, e finalmente qual é o sentido?" "Rapaz, é tão difícil de explicar, mas é tão difícil que por mais que eu queira explicar, no final tu não vai acreditar mesmo... Assim tu tem que tomar." É a saída, não tem outra saída a não ser assim. "Por mais que eu vá tentar dar uma explicação, não tendo nem essa explicação diante de tanto mistério, mas por mais que eu tente, você não vai acreditar. Ao contrário você pode até ir desdenhar. Então vai, rapaz, está lá. Convidar ninguém convida. Não vai esperar que você vai ser convidado. Agora, se procurar tem, vai lá, rapaz, vai lá." É como a gente se sai, não é? Porque o Mestre é que se portava assim dessa maneira. Alguém podia morar há cem, duzentos anos com outra pessoa, dividindo a mesma cama, comendo no mesmo prato e até com a mesma colher, mas caducava, ficava velho e não chegava ao ponto de convidá-la. Convidam-se sim para uma determinada festa seus amigos, seus parentes etc. e tal, mas apenas para participar das festividades. Na hora de ingerir aí é livre e espontâneo.

Pois bem, meus irmãos, o nosso Mestre, olha, ele é tudo isso e tanto e tanto e tanto mais, mas mesmo assim simplificando um pouco. Ele como Mestre que é e que não tem outro no seu lugar. Era, é e sempre será. Ele também tinha coisas que se nos apresentavam incomuns. Até para mostrar, ô gente, eu sou o Mestre. Ele estava cozinhando Daime um dia e no processo do cozimento tem um material que a gente chama gambito, que é para ir apertando ali a panela até para não derramar etc. E tem uma hora que na fervura do Daime ele concentra de uma forma tal e aí sobem aqueles 'capuchos', em cima na borda da panela. Pois num dado momento daquele ele soltou aquele gambito e começou a fazer aquele processo com as mãos, fazendo as vezes de gambito com as mãos. O rapaz que estava de parceria com ele naquele feitio de Daime estava presenciando o fato. O Mestre puxou as mãos de lá de dentro, no máximo pegou lá um paninho e enxugou-as. O rapaz, eu acho que tocado assim pela vaidade ou uma curiosidade que não se recomenda, principalmente quando vai teimar com o Mestre, disse: "Mestre, eu também faço isso." "Não, faça não." "Eu faço sim, o senhor não está fazendo?" "Bom eu estou fazendo, mas você não faz não que você se queima." "Mas é que eu faço." "Rapaz, não faz que tu te queima." Empurrou a mão lá, quando puxou o couro vinha caindo. Foi. Aí ele disse: "Eu não te disse rapaz que tu não fizesse? Agora vai curar essas suas queimaduras aí, talvez até de primeiro grau." É misterioso, não é? Aí ele dizia para nós: "Ele não sabe como é que eu estava fazendo. Eu estava fazendo aquilo porque tinha alguém me mandando fazer." Alguém, quem sabe, superior dele, não é? Ele também dizia: "Olha gente vocês me têm tanto assim, mas eu tenho os meus superiores, eu também tenho a minha superiora. Então eu estava ali obedecendo as ordens dela, e ele não estava com nenhuma ordem dessas, estava era com teimosia. Então se queime danado, eu te avisei."

Outra vez – bom, era muito rudimentar alguma coisa lá que funcionava, principalmente nesse tempo. Hoje já não está mais assim, tem mais possibilidades, alguns maquinários a mais. Nesse tempo não tem isso não, era força bruta. Aí esse negócio de motosserra, essa história foi bem depois. Nesse tempo a madeira era

serrada a braço. Aquele serrotão, dois homens, um em cima, outro embaixo. Mas eles tinham que fazer um estaleiro e subir aquelas enormes toras de madeira lavrada, que ali seriam processadas para se fazerem as tábuas. Aí ele chegou num determinado lugar, tinha um grupo forcejando com um pranchão daquele, com uma tora daquela para levar para o estaleiro. Dez homens e não se produzia efeito. Ele chegou lá e disse: "Afasta aí todo mundo." Afastaram-se dez homens, ele agarrou uma ponta e... Giiiiiu... Foi lá na outra e... Giiiiiu... Foi deixar lá onde era para deixar. Ele tinha força por dez homens. É incomum. É incomum. Agora ele não era assim uma pessoa de por qualquer coisa assim se apresentar, querer dar uma demonstração não, ele esperava as ocasiões propícias em que ele podia então fazer aquela apresentação.

Um dia chegou um companheiro para ele com uma arma de fogo, uma espingarda. Agora, eles se conheciam muito bem, até brincavam os dois juntos, proseavam, porque o Mestre era brincalhão, ele era prosista também. Em determinadas ocasiões ele era até humorista nas suas brincadeiras, nos seus dizeres, nas suas criações de provérbios; ele usava muitos provérbios do mundo, não todos, mas alguns deles ele usava e ele também criava os provérbios dele. Ele tinha os dizeres dele, às vezes até brincando ele dizia aqueles provérbios, agora, é claro, sabendo como brincar e sabendo também com quem estava brincando. Por exemplo, comigo ele brincava muito, puxava cada prosa comigo... E assim com outros, não é? Aí justamente esse companheiro era desses com que o Mestre brincava sabendo com quem estava brincando, e chegou apresentando uma arma de fogo nova que tinha comprado no comércio, isso com toda aquela arrogância, e o Mestre disse: "É rapaz, é até boa mesmo essa espingarda que você comprou. Mas a gente diz que ela é boa é na mão do homem. Dá um tiro aí para eu ouvir." Aí o rapaz armou a arma... tetém... Bateu o 'catolé'. Então puxou de novo o gatilho... tetém... Mesma coisa, bateu o 'catolé'. Armou de novo, terceira vez... tetém... Ele disse: "Eu não te disse que se ela é boa é na mão do homem? Me dá ela aqui, o mesmo cartucho." Aí armou e – Pomm! O tiro saiu. Então ele dava essas demonstrações, raras... raras...

O nosso mestre é para valer. Porque ele já dizia para nós, isso prevendo o seu desencarnamento, que ele teria o dia dele, ele também iria se desencarnar, ele também teria essa necessidade, como uma pessoa comum que era, a gente sabe, que nasceu comumente, como cada um de nós, cresceu, viveu. É claro que ele teria que se submeter a um outro processo que também é reservado para cada um de nós e de que ninguém pode fugir, que é o desencarnamento. Por sinal, na história da santificação, raríssimos foram os valores que não chegaram a passar por esse processo. Jesus, como exemplo maior, foi um deles. Elias, a Virgem Maria, esses ascenderam. Mas independentemente de todos esses valores, temos que nos conscientizar e ter por certeza que se para os outros foi desse jeito por que é que vai ser diferente para cada um de nós? Vai ter também o nosso dia assim como Mestre Irineu teve o seu.

Mas ele já dizia que mesmo fazendo essa viagem ele teria certeza no Divino Pai Eterno – vejam bem a expressão, certeza, ele não falou por hipótese, por hipótese alguma – ele disse: "Tenho certeza no Divino Pai Eterno de que eu ficarei atendendo a todos vocês do mesmo modo ou melhor ainda." Que grande é o nosso Mestre. Porque justamente é o que a gente vem constatando, que ele ainda nos atende até de forma bem melhor, hoje, depois de mais de trinta anos que ele se desencarnou. Sabe por que? Porque nós abusamos muito da bondade. Hoje é diferente, naquele tempo havia mais facilidade da gente se encontrar, da gente chegar até onde estava o nosso Mestre. Era tão fácil, tão fácil que a gente abusava. Houve quem fosse a casa do Mestre até para dizer malcriação para ele, devido à facilidade com que ele se expunha, de braços abertos a todos. Houve quem fosse lá única e exclusivamente para lhe dizer malcriação, abanar a sua cara, como se

quisesse dizer: "Fala para apanhar." Nosso Mestre passou por essa. Hoje malcriado está difícil de chegar onde está o Mestre. Das coisas boas do nosso Deus, malcriado fica aquém, não chega lá, não tem condições de chegar. Lá é amor, é obediência, é educação, é diplomacia, é harmonia, isso sim ajuda a gente a ter a facilidade de chegar ao Mestre. Agora, aquele malcriado com aquela malcriação, naquele tempo chegava, hoje não chega mais. É bom ele se conter e saber respeitar. Nosso Mestre tem que ter respeito, para justamente comprovar que ele está ainda nos atendendo. E nós já temos a certeza, que por sinal a gente até destaca, seja aqui, seja ali, seja acolá. Nós não nos envergonhamos, ao contrário, nos honramos até de falar algo assim aberto no que diz respeito ao valor do nosso Mestre.

Até que realmente chegou ao ponto daquilo que aconteceu, quiséssemos ou não. A nossa ansiedade era que ele ainda pudesse estar por aqui na carne, por isso mesmo duvidávamos de que aquilo pudesse acontecer com ele, que por uma ação assim tida como natural ele tivesse que se desencarnar. Dizemos até, ao terminar a nossa palestra, que justamente foi no ano de 1971 que o nosso Mestre se despediu, deu adeus a todo mundo, o seu espírito subiu, a passagem foi dolorosa e todo mundo sentiu, porque realmente foi um balanço. Mas aí no entanto balançou para justamente se firmar melhor.

Mas, meus irmãos, em se tratando do companheirismo, ou bem melhor ainda, daqueles com que o mestre chegou a contar aqui na sua vivência materializada e até daqueles com que ele não chegou a contar, teve realmente muitos companheiros de valor também integrados na formação, no zelo, para que isso ainda estivesse assim como está, tão bom, tão agradável esse trabalho. Entretanto se falou na primeira safra e subentendemos que foram aqueles primeiros com que ele se relacionou: Germano, Antônio Gomes, João Pereira, Maria Damião, José das Neves, etc. etc. Mas aí houve outras safras depois. Por exemplo, já de segunda instância, ainda temos testemunhas vivas lá do Alto Santo, pouquíssimas: a esposa última de Antônio Gomes na pessoa da comadre Maria Gomes, D^a. Preta, Percília Matos, e poucos da terceira safra. E na quarta também fluiu a chegada de muitos companheiros de valor. O Padrinho Sebastião Mota de Melo – por sinal nós chegamos quase que ao mesmo tempo, havia eu, acho que questão de meses, que estava nessa doutrina quando o Padrinho Sebastião Mota ingressou. Aquele que sem dúvida alguma também teve e tem – a gente diz teve porque também já se desencarnou – uma grande e valorosa missão a ser cumprida aqui na terra, como doutrinador que também foi. Eu tenho conhecimento assim até um pouco de perto da amizade, do respeito e da dedicação que o Mestre Irineu tinha para com o Padrinho Sebastião Mota.

Discurso proferido por ocasião do 17º ano da passagem do Mestre

Meus prezados irmãos, e prezadíssimas irmãs. São passados dezessete anos quando se deu o passamento do nosso Mestre Raimundo Irineu Serra. Parece ter sido muito tempo daquele acontecimento até este momento – dezessete anos, mas parece também ter sido ontem. Prova que ele ainda continua vivo nas nossas memórias. Prezados irmãos e irmãs. Diante do significado e da nobreza do nosso Mestre, por mais que o nosso pensamento esteja afinado, a gente receia que possa falhar. E se ele falha, é evidente que o nosso vocabulário pode fracassar. Mas, tomando por base a grandeza do Mestre, eu tenho certeza, que é ele mesmo. Eu apenas ofereço-lhe esta frágil aparelhagem para que ele mesmo possa se manifestar, e que as minhas palavras sejam as suas próprias palavras. Portanto, me recomponho, e não posso esconder que estou cheio de sabedoria porque ele é o saber! Assim sendo, encorajo-me para falar um pouco da grandeza do nosso Mestre. Mestre Irineu já nasceu grande! Mesmo que tenha vindo de família humilde - porque é dentro da humildade que a gente encontra a essência! Assim sendo, prezados irmãos e prezadas irmãs, a grandeza do nosso Mestre já começava a

despontar naturalmente através do seu porte físico avantajado. Era de um porte físico bonito, formoso. Tudo conveniente no Mestre! Ele calçava 48. Era um homem dotado de um pé bem maior do que o nosso. Mas tinha que ser daquele tamanho para suportar o seu porte físico. Era um homem que media 1.98m. Mas não se compunha só na altura, porque o seu porte, tudo era conveniente! Tudo formava a sua conveniência dentro da sua construção carnal, dentro da sua construção muscular, dentro da construção óssea, tudo correspondia com expectativa. Portanto, era um homem bonito! Um homem formoso! Dotado de força em todos os ângulos, no sentido material, ele não fazia fita, mas demonstrava que tinha bem mais força do que qualquer um de nós.

Ele se comportou por toda a sua passagem terrena como um homem comum. Comia convenientemente, não demasiadamente; bebia convenientemente. Sempre lutou pela sua sobrevivência. E dentro daquela luta árdua, sempre conseguiu, regado com o suor do seu rosto, do seu trabalho. Daí, prezados irmãos e prezadas irmãs, o Mestre sempre se destacava como um homem comum mas, ao mesmo tempo, demonstrando os melhores exemplos! Como pai de família, como homem dos seus negócios em dia, como homem caprichoso. Daí o Mestre, nosso bom Mestre, foi atribuído com o grande sentimento chamado amor! Agora nós, dentro da nossa condução, como seus discípulos, podemos fazer diferente? Não senhor! Temos que viver amorosamente! Foi atribuído de grande fé. Muita fé. Tão muita, que distribuía e distribui a cada um de nós, e dentro desta distribuição, ainda recomenda que a gente possa ter fé, pelo menos do tamanho da semente de uma mostarda. Daí, na nossa condução, não podemos ser diferentes. Temos que ter um pouco de fé!

O Mestre era um homem educado e dentro da nossa condução, como discípulos dele que nos consideramos, não podemos ser diferentes! Temos que ser educados também! Nosso Mestre, diante daquele poder de autoridade que ele tinha, não aproveitava para massacrar pessoa alguma. A atenção e o respeito que ele dedicava à mais alta autoridade era a mesma que ele dedicava ao mais humilde. E porque nós, dentro da nossa condução podemos ser diferentes? A ignorância, prezados irmãos, digo sem medo de estar errado, nunca deu camisa a ninguém. É um sentimento maléfico que não leva a nada que preste. Temos que nos educar. Nosso Mestre é educação. Ele nasceu grande. A gente sabe que foi grande. Mas não nasceu feito, não senhor. Ninguém nasce feito. Aqui ele se fez. E dentro dessa conquista, conseguiu a sua mestria de um tamanho tal, que mesmo deixando esta veste carnal, conduziu consigo a sua mestria, para sempre amém. O Mestre de todos os mestres!

Portanto, prezados irmãos, nosso Mestre é Mestre para valer. Pois ele teve o dom de perdoar. E recomenda a todos os seus seguidores que possam ser dotados também deste dom, que é o de saber perdoar. Se quiser merecer e ter o seu perdão, tem que perdoar. Nosso Mestre ainda está conosco, em cada um de nós. Na medida que pedirmos a ele, ele está com a gente. Digo porque ouvi, muitos dos que estão aqui também ouviram. E outras pessoas da época também chegaram a ouvir o nosso Mestre anunciar que um dia teria o seu dia final. Um dia teria que ausentar desse mundo. E saindo deste mundo, tinha certeza que o Divino Pai Eterno lhe daria licença para ele ficar nos atendendo do mesmo jeito, ou melhor ainda. O Mestre não falou por hipótese. Ele disse: "Tenho certeza".

O Mestre Centenário

Raimundo Irineu Serra
Nasceu no signo de sagitário
Estas homenagens são dele

Afirmamos nós e o plenário
Salve, salve nosso grande Deus
Salve o Mestre Centenário

Salve o Mestre Centenário
Aquele a quem devemos tudo
Nas nossas armas de defesa
Ele se inclui como santo
Um portentoso escudo
Avante! Avante! Companheiro
Para a complementação deste estudo

Na complementação deste estudo
Estamos todos a louvar
Hosana a Deus nas alturas!
Na plenitude onde ele está
E o nosso Mestre Centenário recomendando:
Caprichem, caprichem mesmo!
E venham se apresentar.

COMENTÁRIOS SOBRE ALGUNS HINOS DO CRUZEIRO:

ESTRELA D'ALVA

Eu me lembro de uma história bem acentuada, inclusive eu tenho muito carinho pela Estrela D'Alva, até porque desde a primeira vez que eu vi ele contar esta história, eu fiquei impressionado e sedento de poder alcançar também algo assim, que fosse diretamente a Estrela D'Alva.

Isso se deu, ele contava pra nós, entre ele e o Germano Guilherme. Primeiro foi com ele. Ele sentado no ponto de trabalho dele, divisou a Estrela D'Alva. Umas oito horas da noite em determinado ponto. Aí, ele olhou para ela e pensou consigo: Qualquer dia desses, eu vou tomar um Daime e vou naquela estrela.

Ficou nisso, quando em um determinado dia justamente, ele tomou Daime. Ora, não deu trabalho. Foi lá. Chegou lá, ela toda de vidraça, a coisa mais linda do mundo. Agora só com o direito de avistar o que estava lá dentro. Tudo ornamentado, atapetado, a coisa mais linda. Uma morada muito bonita dentro da Estrela D'Alva.

Ele disse que era tão verdade ela ser de vidraça, que ele passava a mão apalpando e sentia que era vidro. Aí a gente pergunta: e o invisível se pega? Pega, invisível também pega, porque ele pegou, ele apalpava. Aí ele perguntou à mãe dele: Minha mãe, me diga uma coisa: porque é que uma coisa excelente dessa, uma morada bonita como essa, eu procuro um morador, alguém que esteja habitando, e não vejo?

Ela disse: Meu filho, como essa aí, tem muitas e muitas outras esperando um filho com uma capacidade que mereça realmente vir habitar.

Ele disse: Sim Senhora, muito bem...

Aí constatou tudo isso, e retornou.

Agora o Germano era 'buraco' (corajoso, destemido), como diz o caboclo. A primeira pessoa com o qual o Mestre conversou, que contou essa história, foi para o finado Germano, mas contou assim, a meio termo, e bem meio termo mesmo, e disse, parece que olhando para a Estrela D'Alva de novo: Olha maninho (mutuamente, eles se tratavam como maninho, era bonito mesmo, eu ainda conheci), tu me acredita numa coisa?

-Sim maninho, não é tu que vais contar?

-Tu acredita que eu fui naquela estrela?

-Acredito, o senhor não está dizendo?

E a conversa ficou só até aí. Ele deu ciência que foi até a estrela, e 'PT saudações'. Germano por si, também desejou nesta hora, e afirmou consigo:

-Eu também vou tomar Daime e vou lá!

Ora, não deu outra; quando foi em determinado dia, ele tomou Daime e foi bater lá! Constatou tudo direitinho. Terminada a constatação, ele voltou e foi levar a notícia para o Mestre: Maninho, tu me disseste que foi naquela estrela, não foi?

-Fui Germano!

-Não é que eu também fui!

-Então tu me conta como é lá.

Então o Germano deu toda descrição, do jeito que o Mestre viu. O Mestre disse: Tu foi mesmo, é sim!

O Mestre sempre contava isso. A Estrela D'Álva. Então, naquele momento, ela ainda se encontrava assim, vazia.

ROGATIVO DOS MORTOS

O Mestre Irineu profetizou a hora da sua passagem. Nove horas da manhã. Você pode ver que o hino só vai até às nove horas da manhã. Pois justamente, às 9 horas da manhã do dia 6 de julho de 1971, o nosso Mestre deixou este mundo.

A MINHA MÃE É A SANTA VIRGEM

Bom, a gente começa a interpretar logo por ser o Mestre. O Mestre se é Mestre mesmo, sabe tudo. O Mestre sabia tudo, até tocar. Porque uma vez, ele mirando, chegou uma senhora com um acordeom. Muito bonita, depositou nas pernas dele e mandou ele tocar. Ele disse para ela que achava impossível porque ele não sabia tocar, mas ela insistiu tanto, dizendo ele sabia, que ele conseguiu mexer na sanfona, porque ela disse para ele que bastava ele puxar. Quando ele abriu a sanfona, já foi tocando e cantando: A minha mãe é a santa virgem/ Ela é quem vem me ensinar/ Não posso viver sem ela/ Só posso estar onde ela está.

BEGÊ

Quem foi que veio a terra para ensinar a verdade, a não ser o próprio Mestre? Eu acho que termina sendo é ele mesmo o Begê, o mesmo ser."

SEIS HORAS DA MANHÃ

O Mestre era um assíduo prático; é aquilo que eu tenho dito, duvido que o nego que chegasse na casa do Mestre às 6 horas da manhã, e o Mestre não tivesse no pontinho dele. Não era outra coisa não, já era saudando o sol.

SOL, LUA ESTRELA e DEVO AMAR AQUELA LUZ

Logo que o Mestre recebeu 'Sol, Lua, Estrela', ele já passou a abrir o seu hinário cantando primeiro este hino. Quando, a seguir, ele recebeu 'Devo Amar Aquela luz', ele também anexou este Hino na abertura do Cruzeiro.

A FEBRE DO AMOR

Completei o meu Cruzeiro com cento e trinta e duas flores. Aí, muitos entendem que ele já estava predizendo a quantidade de hinos que fariam parte do Cruzeiro. Não! Ele não previu isto. Isso foi na sucessão dos hinos que se chegou a 132. Quando ele recebeu este hino, ele cantou assim: Completei o meu Cruzeiro / Com cinquenta e duas flores / Se tiver alguma de mais / Vós acrescente o meu amor. Quando ele recebeu o próximo, Virgem Mãe Divina, Ele cantou: Completei o meu Cruzeiro / Com cinquenta e três flores / Se tiver alguma de mais / Vós acrescente o meu amor. E assim sucessivamente, até chegar a cento e trinta e duas flores.

AS ESTRELAS

Muitas perguntas foram feitas ao Mestre, e elas não ficavam no vazio porque ele sempre respondia. Aí, a pergunta foi do compadre Chico Grangeiro acerca do hino As Estrelas. O Grangeiro perguntou: Padrinho, e esses espinhos e pontas agudas?

Ele disse: Chico, são as línguas!

Ele apontou para a dele e disse: É isso aqui, é a língua, são as línguas!

Então subentende-se que cada linguada do linguarudo é um espinho. E é serra. Serra de espinhos. Ponta da língua, falatório. É caracterizado como espinhos de pontas agudas. Então daí a interpretação. Pergunta do compadre Chico Grangeiro e resposta do Mestre.

EU VIM DA MINHA ARMADA

O Grangeiro explicava para nós, que ele conversando com o Mestre, o Mestre falou para ele que ele também passou os altos e baixos dele. Até no ponto de vista de até querer renunciar este trabalho, se afastar. Aqui e acolá, por força das incompreensões. Então quando saiu Eu Vim da Minha Armada, ele estava numa passagem de descontentamento, e com vontade, assim, de fechar a sessão. Saiu o Hino. Eu vim da minha armada / Trazer fé e amor. Porque a contemplação desta estrofe, aí já é a rainha, dizendo para ele. Ele diz: Eu vim da minha armada / Trazer fé e amor. Aí ela diz na frente: Não despreza os teus irmãos / Mostra tua luz de amor.

SEXTA-FEIRA

Quando eu cheguei na sessão, o feitio já era na direção do Chico Grangeiro. Agora o Chico Grangeiro determinava umas dietas mesmo. Isso depois, deu foi um rebu danado, rapaz. Que a gente deu um certo cumprimento, deu. Eu pelo menos

cumpri em parte, mas cheguei a cumprir, dieta sexual... Até três meses, ia a trinta dias e chegava a três meses. Aí foi onde entrou os questionamentos, deu um rebu. Quer dizer, depois de uma temporada que se cumpria isso aí, porque eu fiz bonitas vezes um mês, depois outros asseguravam que faziam. Fizeram. Sei lá. Mas isso chegou a um ponto vulgar. Começaram a brigar, até briga de casal e conversa e tal, e julgamento. Quem tirou a dieta, quem não tirou; virou assim, uma farofa. Aí, pronto, caiu nos pés do Mestre. Então ele pronunciou: Não gente! Não é isso não. Agora vai mudar. Agora é três dias antes e três dias depois.

BATALHA

Na verdade, antes do golpe eram dois partidos que influíam na época. Isso quando passou a ser eleição. Aí, era o PSD e o PTB. O PSD era o partido do Mestre. Ele tinha partido, PSD. Então o partido do Mestre perdeu as eleições (1962) e ele cantou Batalha, já confortando. Rapaz, se você visse assim, o contentamento do Mestre tão transparecido, quando ele cantava este hino, pelo menos a primeira vez que eu ouvi e vi, ele dançava! Isso é um xote. Ele chamou a comadre Peregrina, que ela dança bem. Aí, mandou a turma cantar e dançar na sala ao som do "Batalha". Dá um xote que é uma beleza!

TODOS QUEREM SER IRMÃOS

Realmente, o padrinho recebia esses Hinos e tinha toda satisfação de apresentar. Os que moravam com ele eram os primeiros, mas também apresentava para quem vinha chegando, como era meu caso. Ele tinha aquela satisfação. Aí, num dado momento eu apareci lá, ele disse: É Luiz, tem hino novo aí! Você quer ouvir?

Eu disse: Com toda satisfação.

Ele chamou a comadre peregrina, a Maria Zacarias e ordenou: Cantem esse hino aí para o Luiz ouvir.

Mas daí, neste interim, vinha chegando o nosso irmão Júlio Carioca, que também tomou parte. Foi subindo, foi tomando benção para ao padrinho e o padrinho foi dizendo para ele: Júlio, eu tinha pedido aqui para as meninas cantarem um hino novo para o Luiz, mas aí você chegou... Então também é para você. Que ouvir?

Ele disse que sim, e começaram a cantar o hino. Cantaram uma, duas, três vezes. Quando terminaram, ele perguntou para nós: Que tal o hino?

Aí o Júlio Carioca avançou: Ô Padrinho, mas o hino é bonito! Mas o hino é maravilhoso!

Então o padrinho disse: Dobre a língua. O hino não é tão bonito assim como você está dizendo não. Não é essa maravilha como você está dizendo não. Sabe o que é bonito do hino? É fazer o que o hino diz. Isso sim, é bonito.

Aí, rapaz, eu fiquei... Puxa vida, mas me tirou duma! Porque eu ia responder a mesma coisa do Júlio. Não ia dizer diferente. Mas estava guardado era para o Júlio mesmo (risadas).

MARCHINHA

Ele recebeu este hino e este hino tinha palavras. Ele tinha palavras, só que ele guardou para si e apresentou só a parte musical. Um dia eu chego lá e ele perguntou se eu queria escutar uma música. Sempre que ele recebia um hino e eu

chegava lá, ele anunciava para mim e perguntava se eu queria ouvir. Ora, quem não queria? Aí, esse foi um. As meninas solfejaram, solfejaram, solfejaram, solfejaram...

Quando terminou, ele disse: É isso aí!

O pessoal que estava lá começou a sair, a se dispersar, e em dado momento, só estava ele e eu. Ele virou-se assim para mim e disse: Luiz, tem as palavras, tem as palavras, só que eu não tenho condição de divulgar, porque não existe preparo, portanto eu vou ficar com elas e deixe que seja só musicado.

Primeiro, marcaram uns anos de existência para ele. Depois, isto foi desfeito, porque a rainha prolongou até a passagem dos 75 anos, foi um prolongamento que a rainha deu para ele. Ele até contava para nós, como foi que entendeu. Passava um cavaleiro por ele e gritava: Setenta e cinco! Aí, o cavaleiro ia embora, e depois de mais um tempo aparecia de novo: Setenta e cinco! Aí, o cavaleiro ia embora de novo, e assim este cavaleiro passou por ele diversas vezes gritando "setenta e cinco". O Mestre ficou cismado com aquilo, procurando entender o significado. Até que veio o cavaleiro novamente e quando passou e disse: Setenta e cinco, aí o Mestre entendeu o significado e completou: Setenta e cinco anos de vida. Isso foi em miração, ou que fosse em sonho, porque ele identificava uma coisa com a outra. Ele dizia: Para quem toma Daime, sonho é o mesmo que miração.

Aliás, existem travessias que a gente passa em sonho, que a gente mirando não suportaria. Aí, vem o sonho e dá mais uma estabilidade. Bom, voltando ao assunto anterior, aos setenta e cinco anos então, ele se desencarnou (1967), ele foi embora sem que ninguém percebesse, desencarnou mesmo, foi embora. Aí, a rainha foi e disse para ele lá na morada eterna: Filho, agora tu vai ainda voltar, porque você vem sendo tão hostil... Eu vou fazer um negócio com você: doravante, a existência tua lá na Terra é você quem vai marcar! No dia que tu quiser, me pede, e aí é a hora, mas está nas tuas mãos.

Quando eu ouvi ele contar isso pela primeira vez, a sala estava cheia de gente e eu fiz uma pergunta: Padrinho, mas vai demorar muito o senhor fazer este pedido, não vai?

Ele olhou assim para mim e disse: Luiz, aqui me aparece tanta coisa desagradável, tanta coisa que eu não gosto, que me dá vontade de ir é logo.

E ele já tinha feito uma outra passagem antes dessa dos 75 anos. Esta foi a segunda. A primeira, eu não sei precisar com quantos anos, mas aí foi prorrogado até os 75 anos. A terceira vez foi justamente antes do penúltimo hino, quando ele foi pensando em não voltar. Não é o que diz o hino? Mas aí, ele voltou mais uma vez, para justamente agradecer. Eu venho dar os agradecimentos a quem rogou por minha volta, e ao mesmo tempo, nos passar uma lição imensa, muito valorosa, que é pedir e saber pedir, porque são válidos os nossos pedidos, naquilo que justamente está dentro do regulamento. Pedir, saber a quem se pede e saber também o que se pede. Bom, o certo é que os pedidos foram tantos, que mandaram ele voltar. E ele voltou, voltou agradecendo e dando testemunhos dos pedidos: Me mandaram eu voltar / Eu estou firme vou trabalhar / Ensinar os meus irmãos / Aqueles que me escutar.

Aí, depois, a gente pensava em uma estabilidade maior, só que a partir daí ele viveu... deixa eu ver... se foi mais de um ano, foi coisa pouca. Não sei bem, mas foi pouco tempo. Aí, lá vem Pisei na Terra Fria para justamente concretizar. Nem os pedidos deram mais jeito. Ele se expôs, de acordo com o conteúdo do hino. Eu vou

falar uma coisa: ele estava bem no centro da mesa e à altura da gente compreender. Justamente abalou. Eu me lembro que ainda ouve choro. Tinha gente que chorava até alarmado, principalmente o lado das mulheres. Só que quando ele sentia que o clima estava abalado, ele controlava assim: Deixem de besteira, isso vai demorar ainda. Vocês se preocupam tanto comigo. O bom, é que cada um se preocupe é consigo. Isso aí, é o caminho de todos.

Então ele dava aquele banho-maria, mas até que não teve jeito. A gente fica assim... É um caso para se estudar. De um lado leva-se a acreditar que, realmente os dias deles estavam contados. Mas assim, pelo que eu penso, pelo que eu vejo, existem revogações. Pode ser revogado, Deus é grande. Pode até chegar o seu dia realmente marcado, mas quem sabe por uma utilidade, por uma necessidade, por um jeito de ser tão útil, Deus não revoga? Porque para o Mestre foi revogado em duas oportunidades. A terceira foi a que ficou com ele. Então, a gente fica nessa. Será que a última mensagem dele não poderia ter sido revogada se a gente tivesse zelado melhor? Porque nisso se lamenta, mas se lamenta mesmo. Olha, o povo teve os seus aproveitamentos, mas devia ter aproveitado melhor.

DIVERSÕES

Ele contando a história, isso numa miração, que ele chegando em determinada paragem, apareceu na frente dele uns tocos de madeira, mas tudo assim... feito zig-zag. Então, ele teria aquilo como um pilãozinho e uma mãozinha de pilão, sem poder perder o passo. Não podia perder o passo. Aí, cantaram o hino para ele. Ele, de acordo com o hino, ia fazendo o trajeto. O Pá Pilar era ele pilotando. Se é pá pilar, eu vou pulando. Pulando e pilando.

SANTA MARIA

Até para tirar um pouco dos mitos que vão se criando, tanto de um lado como de outro, gostaria de esclarecer que sobre essa planta "santa maria" ou cannabis, ouvi o Mestre se referir a ela três vezes. A primeira, quando disse que na sua adolescência, no Maranhão, chegava dias de domingo e aquela rapaziada da roça não tinha nada o que fazer, nem uma diversão, nem mesmo uma bola para jogar, todos muito pobres. Então a moçada se juntava em alguma casa de farinha e iam fumar a "diamba" como se dizia, e logo após era aquela alegria, aquele converseiro, aquela animação. Portanto, era um uso recreativo e específico, inclusive depois o compadre Eduardo Gabrich me esclareceu que no Maranhão essa planta é bastante usada há séculos, inclusive nas áreas rurais, por influência dos africanos que lá chegaram já trazendo as sementes. A segunda vez foi quando um irmão fardado, que era da polícia, veio aos pés do mestre se "confessar" e pedir perdão por ter, em uma apreensão, subtraído certa quantidade de erva para experimentar, até por curiosidade, pois nunca tinha usado, o que efetivamente chegou a fazer, se arrependendo depois. Esse irmão fazia um grande alarido e mea culpa por ter feito "uma coisa medonha", "um pecado", etc., quando então o nosso Mestre disse: "Alto lá, fulano, não é isso tudo não, essa planta, sabendo se usar, leva ao além". Portanto seria um exemplo de uma menção dele a um uso espiritualizado. A terceira vez que ouvi ele se referir ao assunto foi quando disse a uma mãe que estava com um filho com problema de inapetência, que um santo remédio para isso era o chá da planta, era só dar o chá da planta que o menino logo, logo estaria comendo até o "pé da mesa". Finalmente então ele assinala o uso medicinal. O Mestre era um homem de muito conhecimento, não tinha preconceitos, conhecia todas as plantas e os seus segredos. Agora uma coisa é muito importante que se diga: nunca, em tempo algum no Acre, ninguém viu ou ficou sabendo que o Mestre usava ou plantava, e digo isso com toda a convicção, convivi com ele muitos anos e

com amigos antigos dele também, ao contrário do que dizem até livros que circulam por aí com outras versões que não se apóiam na verdadeira história.

